

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO JORNALISMO

VITÓRIA ALVES GONDIM DE LUNA

**A COBERTURA SOBRE SAÚDE NA MÍDIA INDEPENDENTE ALAGOANA: UM
ESTUDO SOBRE O OLHOS JORNALISMO E A MÍDIA CAETÉ**

MACEIÓ

2024

VITÓRIA ALVES GONDIM DE LUNA

**A COBERTURA SOBRE SAÚDE NA MÍDIA INDEPENDENTE ALAGOANA: UM
ESTUDO SOBRE O OLHOS JORNALISMO E A MÍDIA CAETÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharelado em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Marcelo Robalinho
Ferraz.

Maceió

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 –661

L961c

Luna, Vitória Alves Gondim de.

A cobertura sobre saúde na mídia independente alagoana : um estudo sobre o
olhos jornalismo e a mídia Caeté / Vitória Alves Gondim de Luma. – 2024.
92 f : il.

Orientador: Luiz Marcelo Robalinho Ferraz.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió,
2024.

Bibliografia: f. 81-89.

Apêndices: f. 90-92.

1. Jornalismo independente. 2. Jornalismo (Olhar). 3. Mídia Caeté. 4. Saúde.
5. Análise de conteúdo. I. Título

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 8 dias do mês de novembro do ano de 2024, das 15h02 às 16h32, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado **A COBERTURA SOBRE SAÚDE NA MÍDIA INDEPENDENTE ALAGOANA: UM ESTUDO SOBRE O OLHOS JORNALISMO E A MÍDIA CAETÉ**, de autoria da graduanda **VITÓRIA ALVES GONDIM DE LUNA**, matrícula 19110424, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **JÚLIO ARANTES AZEVEDO** (1º examinador), por **GÉSSIKA ALINE LIMA DA COSTA** (2º examinadora) e por **LUIZ MARCELO ROBALINHO FERRAZ** (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

(x) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0

() Reprovado

() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos



Documento assinado digitalmente
LUIZ MARCELO ROBALINHO FERRAZ
Data: 08/11/2024 17:07:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(orientador)



Documento assinado digitalmente
JULIO ARANTES AZEVEDO
Data: 08/11/2024 16:57:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(1ºexaminador)



Documento assinado digitalmente
GESSIKA ALINE LIMA DA COSTA
Data: 08/11/2024 17:21:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(2º examinador)

Universidade Federal de Alagoas- Curso de Jornalismo

Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970 Fone: (82) 3214 1531

Aos meus queridos pais, que me ensinaram a ser perseverante e comprometida, dedico este trabalho. À minha irmã, ao meu namorado e aos professores que me incentivaram incansavelmente. A todos vocês, meu eterno obrigado.

AGRADECIMENTOS

Refletindo sobre minha jornada acadêmica, percebo que não trilhei este caminho sozinha. Fui acompanhada por pessoas extraordinárias que cruzaram minha vida, oferecendo apoio e motivação a cada passo da minha graduação. Elas me deram força para superar a distância de meu lar e vivenciar as melhores experiências. Neste momento de conclusão do curso, sinto um turbilhão de emoções, mas a gratidão predomina por todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui e a permanecer.

Minha gratidão se eleva primeiramente a Deus, que fortaleceu meu espírito e fé nos momentos mais desafiadores. À minha querida família, Maria, Biriça e Viviane, meu porto seguro. Apesar do receio inicial com minha escolha pelo jornalismo, vocês sempre estiveram ao meu lado e nunca me soltaram a mão. Cada sacrifício, gesto de incentivo e palavra de conforto me preencheram de alegria e de um desejo ardente de fazer vocês se orgulharem.

Ao meu orientador, Marcelo Robalinho, expresso meu sincero agradecimento. Sua paciência e sabedoria não apenas conduziram esta pesquisa, mas também moldaram meu percurso acadêmico. Sua dedicação e acolhimento foram essenciais para minha formação.

Aos professores, que ao longo dos anos compartilharam seu conhecimento e me inspiraram a buscar sempre mais, minha profunda estima. Vocês foram os responsáveis por despertarem em mim a paixão pela docência e um dia almejo alcançar a excelência que vi em cada um de vocês. À minha amiga Izilda Antônia de Sá, neta de Baldoíno Gomes de Sá, grande homem e professor que foi referência para a educação da minha amada Salgueiro, expresso minha profunda gratidão pelo apoio contínuo ao longo da minha formação acadêmica em jornalismo. E a minha madrinha, Raquel Viana, que, além de ser uma mulher em quem me espelho, é também uma professora e mãe excepcional, dedico meu agradecimento.

E ao meu namorado, Khalleb, companheiro de todas as horas, cujo amor e suporte foram o combustível para que eu buscasse sempre o meu melhor. Você é a personificação do amor que não só respeita, mas incentiva o crescimento mútuo e a busca pela excelência.

A todos vocês, minha eterna gratidão. Obrigada por serem o que eu precisava em cada momento.

Jornalismo com compromisso é aquele que não se curva a políticos. Não se vende por migarias e principalmente sabe defender os interesses coletivo de uma sociedade que ver na mídia a única forma de se obter dias melhores”.

(Ricardo Cavalcante)

RESUMO

Esta presente pesquisa busca analisar as reportagens sobre saúde produzidas por dois veículos independentes alagoanos: Olhos Jornalismo e Mídia Caeté, ambos localizados exclusivamente no ambiente digital. Para isso, examinamos todo o conteúdo publicado pelos portais no ano de 2022, com o objetivo de investigar como a saúde é abordada pela mídia independente local e as particularidades do conteúdo desses veículos. O estudo traz um levantamento quantitativo e uma Análise de Conteúdo (AC) qualitativa, baseada na abordagem francesa, especificamente da pesquisadora Laurence Bardin (1977, 2016). Nosso intuito foi averiguar 13 matérias que trazem a saúde como pauta principal, para compreender, através da análise de conteúdo como essas mídias trabalham essa temática, considerando tanto a estrutura textual quanto visual. Além disso, também foi possível identificar se há aspectos de abandono das lógicas das coberturas jornalísticas das mídias tradicionais, trazendo uma abordagem com um viés diferenciado. Com base nas produções analisadas, constatamos características presentes em ambos os veículos, como o aprofundamento dos assuntos, que se reflete na extensão dos textos, o destaque para pautas pouco exploradas pelas mídias hegemônicas e a visibilidade dada às minorias sociais, que possuem voz ativa nas reportagens. Concluímos que o Olhos Jornalismo e o Mídia Caeté, apesar de serem mídias recentes, cumprem o papel de evidenciar assuntos locais e investigar o que está por trás dos problemas destacados, uma vez que sua independência financeira e editorial refletem diretamente nas pautas, resultando em conteúdos informativos que trazem uma abordagem crítica e dão maior enfoque a questões de saúde pública.

Palavras-chave: jornalismo independente; Olhos Jornalismo; Mídia Caeté; saúde; análise de conteúdo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the reports on health produced by two independent Alagoas: Eyes Journalism and Media Caeté, both located exclusively in the digital environment. For this, we examined all the content published by the portals in 2022, with the aim of investigating how health is addressed by the local independent media and the particularities of the content of these vehicles. The study brings a quantitative survey and a qualitative Content Analysis (CA), based on the French approach, specifically by researcher Laurence Bardin (1977, 2016). Our aim was to investigate 13 subjects that bring health as the main guideline, to understand through content analysis how these media work this theme, considering both the textual and visual structure. In addition, it was also possible to identify if there are aspects of abandonment of the logics of the journalistic coverage of traditional media, bringing an approach with a differentiated bias. Based on the analyzed productions, we found characteristics present in both vehicles, such as the deepening of the subjects, which is reflected in the extension of the texts, the emphasis on guidelines little explored by hegemonic media and the visibility given to social minorities, that have an active voice in the reports. We conclude that the Eyes Journalism and Media Caeté, although they are recent media, fulfill the role of highlighting local issues and investigate what is behind the highlighted problems, since its financial and editorial independence reflect directly in the resulting in informative content that brings a critical approach and give greater focus to public health issues.

Keywords: independent journalism; eyes journalism; Caeté Media; health; content analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Jornal Pasquim que através do humor denunciava a ditadura militar.....	22
Figura 2	- Jornalistas concentrados em frente à TV Pajuçara.....	25
Figura 3	- Captura de tela da página inicial do portal da Mídia Caeté em agosto de 2024.....	28
Figura 4	- Captura de tela da página inicial do portal Olhos Jornalismo em agosto de 2024.....	30
Figura 5	- Capa da primeira publicação da revista Philosophical Transactions.....	37
Figura 6	- Trecho da reportagem ‘Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL.....	63
Figura 7	- Trecho final da reportagem ‘O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem’.....	66
Figura 8	- Trecho da reportagem ‘Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de ‘emendas parlamentares’, segundo sindicato.....	68
Figura 9	- Lide da reportagem “Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal”, da Mídia Caeté.....	71
Figura 10	- Foto e legenda retirada da reportagem ‘Campeão de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL.....	73
Figura 11	- Foto e legenda retirada da reportagem “Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal.....	73
Figura 12	- Mapa interativo da reportagem ‘Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas’.....	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação das temáticas das reportagens de 2022 do Olhos Jornalismo.....	53
Gráfico 2 - Classificação das temáticas das reportagens de 2022 da Mídia Caeté.....	55
Gráfico 3 - Categorização das reportagens da Mídia Caeté por temática local, nacional e internacional.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Reportagens sobre saúde da Mídia Caeté por título e data de divulgação.....	54
Quadro 2 - Reportagens que pautam a saúde de forma transversal na Mídia Caeté em 2022.....	58
Quadro 3 - Classificação das reportagens de saúde por categorias.....	60
Quadro 4 - Entidades de saúde mencionadas nas reportagens de saúde e o número de matérias de cada veículo em que elas aparecem.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABJC	Associação Brasileira de Jornalismo Científico
AC	Análise de conteúdo
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Humana
AL	Alagoas
Aner	Associação Nacional de Editores de Revistas
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DSS	Determinantes Sociais da Saúde
GNI	Google News Initiative
Jeduca	Associação de Jornalistas da Educação
NTICs	Novas Tecnologias da Informação e Comunicação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PcD	Pessoa com deficiência
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
Sesau	Secretaria de Estado da Saúde
SMS	Secretaria de Saúde de Maceió
Sindjornal	Sindicato dos Jornalistas de Alagoas
SUS	Sistema Único de Saúde
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 JORNALISMO INDEPENDENTE UM CAMINHO	17
2.1 O papel da mídia independente no cenário brasileiro	19
2.2 O impacto da greve dos jornalistas de Alagoas na ascensão de veículos independentes.....	24
2.3 Perfil da Mídia Caeté e do Coletivo Olhos Jornalismo	27
3 JORNALISMO DE SAÚDE: DEFINIÇÕES E INFLUÊNCIAS	32
3.1 Perspectiva histórica do jornalismo científico	34
3.2 Evolução do jornalismo de saúde no Brasil	40
3.3 A abordagem da saúde pela mídia tradicional	42
4 METODOLOGIA.....	46
5 ANALISANDO A COBERTURA DE SAÚDE.....	51
5.1 Reflexões sobre o lugar da saúde entre as principais temáticas abordadas nos portais independentes	52
5.1.1 Um olhar para a cobertura transversal da saúde nos veículos alagoanos.....	58
5.2 Desvendando a saúde pela ótica da independência	60
5.2.1 A presença das fontes no jornalismo em saúde	69
5.2.2 Elementos visuais e a busca pela atenção do leitor	72
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	81
ANEXO A – LISTA DE REPORTAGENS ANALISADAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

A era das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) teve início a partir do advento da terceira revolução industrial na década de 1990 e continua até os dias atuais. Nesse período, houve uma intensa revolução na forma de se comunicar e uma descentralização do modelo comunicacional, fomentada pelos meios digitais, resultando em um barateamento e agilidade na produção, distribuição e consumo de conteúdo.

Para Manuel Castells (2003, p. 8), a tecnologia da informação pode ser equiparada ao que a eletricidade foi na Era Industrial. E que através da internet, pela primeira vez, foi possível promover a comunicação de muitos em uma escala global, impactando variadas áreas. “Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores”.

As NITCs também impulsionaram o surgimento de novas práticas no jornalismo, como o jornalismo digital, que consiste na publicação de conteúdos em diversos formatos (áudio, texto, vídeo, foto) na internet, seja nos sites ou nas redes sociais, promovendo uma maior interatividade com o leitor. Sônia Padilha (2008) destaca que, com o avanço das tecnologias computacionais, o jornalista se viu na obrigação de dar conta dos novos formatos, a interatividade, instantaneidade, perenidade, hipertextualidade e customização de conteúdo, alterando significativamente as práticas de elaboração e publicação de notícias.

Nesse cenário de crescimento do jornalismo digital, as grandes empresas de comunicação precisaram se adaptar e, conseqüentemente, migraram para o ambiente online. Alexandre Lenzi (2020) destaca que por muito tempo esses veículos tradicionais apenas replicavam em seus sites os conteúdos produzidos para as plataformas de origem.

Outro fenômeno observado foi o surgimento de veículos apenas no ciberespaço, que são denominados “nativos digitais”, por nascerem na internet e a utilizar como único canal para produção e veiculação de notícias.

Em Alagoas, no período de junho e julho de 2019, ocorreu uma mobilização dos jornalistas contra uma proposta de redução em 40% do piso salarial da categoria, impostas pelas três maiores empresas de comunicação tradicionais do estado: TV Gazeta, afiliada da rede Globo; TV Ponta Verde; afiliada do SBT e TV Pajuçara, afiliada da TV Record. Como retaliação à greve, houve uma demissão em massa dos jornalistas dessas emissoras, que paralisaram suas atividades durante nove dias.

Como forma de se reinventar e continuar produzindo informação, esses jornalistas se organizaram para fundar seus próprios veículos de comunicação, no ambiente digital e sem interferências externas. Nesse cenário, surgiu a Mídia Caeté (2019), TV Liberdade (2019), Portal Acta (2019), Eufêmea (2020) e o Olhos Jornalismo (2020).

Para essa pesquisa de conclusão de curso, foram escolhidos dois portais independentes alagoanos: o Olhos Jornalismo e o Mídia Caeté, comandados por jornalistas com diploma acadêmico. Suas editorias abordam temáticas variadas e ambos veículos estão presentes apenas no ambiente digital. As suas principais formas para captação de recursos são através de participações em programas de incentivo e doações dos apoiadores.

Para o corpus inicial do estudo foram coletados 25 textos no Olhos Jornalismo e 79 na Mídia Caeté, que equivalem a toda a publicação do ano de 2022. Após a etapa de classificação das temáticas realizada pelos autores, selecionamos para o corpus final 13 reportagens que abordam a saúde como assunto principal. A escolha dos textos em saúde considera a importância da editoria, que ganhou notoriedade nos últimos anos, em decorrência da pandemia de coronavírus e instigou o debate acerca da responsabilidade do jornalismo de saúde e seu impacto na população. Senize e Batista (2020) afirmam que o acesso à informações sobre saúde tem um impacto direto no comportamento do indivíduo. O recorte temporal reflete o período em que a pandemia do covid-19 estava estabilizada e as editorias de saúde e ciência dos veículos de comunicação passaram a abranger assuntos além da cobertura da crise sanitária.

Nesse sentido, essa pesquisa objetiva esclarecer as particularidades dessa saúde propagada pela mídia independente e que espaço ela ocupa em sua grade de reportagens. Além de fomentar o debate, nosso intuito é verificar se essas iniciativas efetivamente trazem abordagens sociais para as produções jornalísticas e, consequentemente, estimulam o senso crítico.

O trabalho está dividido em seis seções, incluindo introdução, metodologia e considerações finais, abordando desde uma contextualização histórica e teórica até uma análise das reportagens que a temática principal é a saúde. A segunda seção, intitulada “Jornalismo independente um caminho”, é dedicada à definição desse tipo de jornalismo, discutindo os desafios para sua manutenção, o crescimento dos veículos independentes nos últimos anos, o panorama histórico do jornalismo independente no Brasil, o impacto da greve dos jornalistas alagoanos na ascensão dessas mídias em Alagoas e uma breve apresentação dos portais Olhos Jornalismo e Mídia Caeté.

Na terceira seção, “Jornalismo de saúde: definições e influências”, é discorrido sobre esse jornalismo especializado, destacando sua importância para a sociedade e o impacto da desinformação em saúde sobre os indivíduos. A partir de uma perspectiva histórica do jornalismo científico, apresenta-se a evolução do jornalismo em saúde no Brasil, a relevância durante a pandemia de covid-19, assim como o reducionismo e elitismo temático da saúde retratada pela mídia tradicional.

Em seguida, é relatado o método adotado na produção do trabalho, que foi a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados através da pesquisa quantitativa para compreensão da cobertura sobre saúde nos portais e a Análise de Conteúdo, segundo a perspectiva de Laurence Bardin, nas reportagens sobre saúde divulgadas em 2022.

A quinta seção “Analisando a cobertura de saúde” está dividida em duas partes: a quantitativa e a qualitativa. A análise quantitativa apresenta o espaço dedicado ao jornalismo em saúde nos dois portais, refletindo sobre a saúde como pauta principal em 13 reportagens e trazendo um olhar para as nove matérias que a tratam como tema secundário. Para a análise qualitativa, foi considerada somente as 13 reportagens com a temática principal em saúde, desvendando alguns aspectos diferenciados encontrados no jornalismo em saúde da mídia independente. E por fim, as considerações finais sobre o trabalho jornalístico realizado pelos veículos independentes alagoanos na cobertura de saúde e o apontamento da necessidade de mais estudos sobre o jornalismo em saúde propagado pela mídia independente.

2. JORNALISMO INDEPENDENTE UM CAMINHO

A noção de independência possui uma pluralidade de significados. No dicionário, o termo é definido como um “estado ou caráter do que ou de quem goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou algo” (Novíssimo Aulete, 2011, p. 783). Em relação ao jornalismo, não existe uma definição restrita para o jornalismo independente, pois os pesquisadores apontam que, devido não ser absoluta essa independência, ela pode variar conforme os contextos.

Jornalismo independente é o termo atribuído às produções jornalísticas que não estão vinculadas a compromissos com os conglomerados de comunicação, empresas, políticos e anunciantes externos. Oliveira e Felippi (2023, p. 121) descrevem esse tipo de jornalismo como “práticas e produtos diferenciados do jornalismo tradicional tanto no modelo de negócio projetos coletivos não baseados no financiamento publicitário, como no aspecto editorial - voltado ao privilégio de pautas relacionadas aos direitos humanos”.

Para Lacerda (2016, p. 71), o jornalismo independente consiste naquele “praticado por profissionais/organizações sem fins lucrativos, que não aceitam anúncios e outros investimentos financeiros por parte de empresas privadas e de empresas públicas, de forma a garantir sua independência editorial”.

Em razão de não estarem associados aos grupos dominantes, consequentemente isso reverbera na sua linha editorial, garantindo uma maior autonomia em comparação com a mídia tradicional. Araújo (2019) destaca que esse jornalismo busca tratar de temáticas que são silenciadas pela mídia *mainstream*.

Assis *et al.* (2017), apresentam as principais características considerando as ponderações de Karppinen e Moe para classificação de um veículo como independente.

Karppinen e Moe traçam as noções mais comuns ao se falar em independência no jornalismo: ausência de controle ou influência por agentes externos, capacidade de indivíduos ou organizações de tomarem decisões baseados em sua própria lógica, autogoverno, liberdade de administrar seu negócio jornalístico da maneira que convier, ou até mesmo, uma estratégia para ampliar seu público (Assis *et al.*, 2017, p. 6).

Além da independência editorial, o jornalismo independente é pautado pela autossustentabilidade, ou seja, para manter a sua autonomia, os jornalistas recorrerem a outras formas de captação de recursos para além dos anunciantes, como doações dos leitores, participação em editais de incentivo, recursos próprios dos fundadores e vendas de assinaturas

de conteúdo. Patrício (2022) destaca que, apesar da diversidade de estratégias de financiamento utilizadas pelas mídias independentes, há potenciais desafios para essa captação de recursos.

Na atualidade, a sustentabilidade financeira é um dos principais desafios enfrentados pelos proprietários de veículos jornalísticos independentes, à medida que afeta diretamente o funcionamento dessas mídias. Equipes reduzidas e um baixo quantitativo de reportagens publicadas são exemplos do impacto da falta de recursos nas redações independentes.

Apesar das dificuldades para manutenção, esse jornalismo é o responsável por cumprir um papel social de promoção da transparência, ampliação da diversidade de vozes e combate à desinformação. Aline Horn (2022) ressalta que o jornalismo independente traz mais diversidade de conteúdos e expõe assuntos que não tratados pela mídia tradicional. Segundo ela:

[...] os projetos de jornalismo independente figuram tentativas de pluralizar as construções da realidade (ênfase em temas “sensíveis”), mostrando o que é invisibilizado pela mídia mainstream (mídia hegemônica). Injustiças sociais marcantes na sociedade (decorrentes do preconceito, racismo, sexismo, violência contra a mulher etc.) passam a “existir” e reverberar por meio do jornalismo independente (Horn, 2022, p. 4, grifos da autora).

Alexandre Silva (2021) traça um panorama das iniciativas independentes brasileiras objetivando explicar como elas estão organizadas e suas finalidades. Para Silva (2021), o jornalismo independente pode ser definido como grupos e coletivos jornalísticos composto por jornalistas formados que majoritariamente tiveram experiência em veículos tradicionais. Eles atuam no ambiente digital e almejam independência editorial para desenvolver conteúdos aprofundados em defesa dos direitos humanos e a serviço do público.

Majoritariamente os veículos de jornalismo independente estão concentrados no ambiente digital, seja em blogs ou redes sociais. Em 2016, a Agência Pública lançou um Mapa de Jornalismo Independente visando mapear iniciativas que produzem conteúdo jornalístico, nasceram nas redes, são coletivos e não estão ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações e empresas. Esse mapa interativo registrou mais de 200 iniciativas de jornalismo independente em 2023.

De acordo com Almeida *et al.* (2021), com o avanço tecnológico e a modernização da internet, o poder de noticiar foi popularizado, que antes era realizado por grandes empresas de comunicação, agora pode ser feito por qualquer jornalista usando recursos do dia a dia, como um smartphone. Nesse sentido, a internet influenciou significativamente novos modelos de produção e distribuição de conteúdos jornalísticos, proporcionando o crescimento das mídias independentes.

O advento das mídias digitais vem transformando as práticas jornalísticas em geral, desde a linguagem até as possibilidades de participação dos diversos públicos. Com a popularização da Internet, e mais particularmente por meio das mídias digitais, tornase mais simples e mais barato fazer um trabalho jornalístico não-convencional, desde a produção até a circulação e o alcance (Reis, 2017, p. 202).

Além da facilidade proporcionada pelas novas tecnologias, o crescimento do jornalismo independente pode ser atribuído à crise na mídia tradicional, que nos últimos anos tem ocasionado ambientes de incertezas e demissões em massa. “As iniciativas de jornalismo digital independente não surgem no vazio. Elas trazem consigo reflexos da crise da mídia convencional e, ao mesmo tempo, partem deles para a criação de soluções que se propõem disruptivas” (Patrício; Batista, 2019, p. 7).

Um levantamento realizado pela Volt Data Lab mostra que entre 2012 e 2018 foram contabilizadas 2.327 demissões de jornalistas em redações, sendo que os profissionais que atuavam em jornais foram os mais afetados pelo passaralho, que é o termo informal para se referir a dispensa numerosa de funcionários.

Figaro e Nonato (2021, p. 14) apontam que os jornalistas demitidos que buscam viabilizar o seu trabalho sem interferências de patrão ou publicidades recorrem à possibilidade de construção de novos veículos jornalísticos independentes através de blogs e sites. Essas organizações alternativas aos conglomerados de mídia são descritas como novos arranjos econômicos dos jornalistas.

Os arranjos de trabalho de jornalistas são a face reveladora desses dilemas, mas também a face da atividade humana que é sempre criativa e vai buscando soluções para seus problemas concretos, resistindo às incongruência e às lógicas do próprio sistema econômico e político. Como forma de sobrevivência na profissão, como alternativa para a realização profissional e cidadã que os grandes conglomerados de mídia não podem oferecer, profissionais do jornalismo organizam-se, formam coletivos, associações, pequenas empresas e outras formas criativas de organização para poderem trabalhar.

Ao buscarem se redescobrir e continuar produzindo informação, os jornalistas têm encontrado na mídia independente um caminho para estruturar relações de trabalho e produzir um jornalismo aprofundado e pautado em temáticas sociais. Sem interferências, a autonomia editorial marca esse fazer jornalismo, que visa difundir o acesso à informação e oferecer visibilidade a narrativas que por muito tempo foram invisibilizadas pela mídia tradicional.

2.1 - O papel da mídia independente no cenário brasileiro

As iniciativas de mídias independentes no Brasil não são recentes. Esse tipo de jornalismo está presente desde o século XIX nos mais variados contextos políticos (Reis, 2017). Dessa maneira, são perceptíveis transformações nos processos de comunicação proporcionados pelo advento das novas tecnologias que fortalecem as mídias independentes na atualidade, mas que estas não se tratam de um fenômeno contemporâneo.

Morel (2012) destaca que, apesar da criminalização das produções escritas no Brasil Colônia, já havia resistência com a publicação independente de panfletos criticando o regime colonial e às condições de vida.

No Brasil, a imprensa escrita surgiu tardiamente, mais precisamente com a chegada da corte portuguesa às terras brasileiras. O primeiro jornal impresso produzido no país, a Gazeta do Rio de Janeiro, foi lançado em 10 de setembro de 1808. Sendo o órgão oficial do governo português, era um veículo controlado pela família real e todas as publicações eram favoráveis ao governo de D. João VI, seguindo o padrão dos periódicos europeus.

No entanto, três meses antes, especificamente no dia 1º de julho de 1808, Hipólito José da Costa que estava exilado em Londres, lançou o primeiro jornal do Brasil, o Correio Brasiliense, que teve circulação mensal até 1822. Historicamente ele era impresso em Londres e trazido clandestinamente para o país, e nas suas páginas era visível uma oposição ao governo, sendo favorável ao abolicionismo e independência.

Como forma de resistência, alguns periódicos da época traziam discussões políticas e sociais demonstrando apoio ao movimento pela Independência. Após a declaração de independência por D. Pedro I, iniciou-se o período imperial (1822-1889) caracterizado pelo desenvolvimento de jornais de oposição ao governo, liderados por intelectuais como Cipriano Barata, do jornal *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco* e Evaristo da Veiga, do jornal *Aurora Fluminense*, do Rio de Janeiro, que defendiam o estabelecimento da República e a liberdade da imprensa.

Somente em 1889, com a Proclamação da República, o jornalismo brasileiro passou por significativas mudanças, com destaque para a Constituição de 1891 que garantiu a liberdade de imprensa, dando uma maior autonomia aos veículos para apresentar os acontecimentos com criticidade. Os anos seguintes foram marcados pela expansão da imprensa, com a criação de novos jornais brasileiros, fortalecimento das empresas de comunicação e surgimento das emissoras de rádio.

Em 1939, o presidente Getúlio Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura que fiscalizava todo o material jornalístico produzido para manter o

controle da informação, impactando diretamente na liberdade das produções jornalísticas. Nesta época, o jornal *Tribuna de Imprensa*, comandado por Carlos Lacerda, consolidou-se como um dos principais veículos de resistência.

Com o fim do governo Vargas e extinção do DIP em 1945, a imprensa brasileira voltou a ter liberdade para suas produções. Neste período, também é notável uma grande evolução tecnológica, com a modernização dos equipamentos das redações e a implantação da televisão no Brasil.

Alguns anos depois, com o estabelecimento da ditadura militar em 1964, os veículos de comunicação da oposição sofreram duras retaliações, incluindo a tortura e morte de jornalistas. Neste cenário de perseguição, o jornalismo independente e o alternativo, principalmente este segundo, se consolidaram como uma importante ferramenta de comunicação.

Mazetti (2007) esclarece que o objetivo da mídia alternativa é pluralizar as vozes do debate público e oferecer fatos silenciados ou distorcidos pela mídia hegemônica. É válido ressaltar que a mídia alternativa é marcada pela contraposição a ideologia dominante de forma combativa, que necessariamente não acontece com o independente, que, apesar de ter uma maior autonomia em suas editorias, pode reproduzir em seu conteúdo as lógicas hegemônicas.

Bernardo Kuscinsk (1991, p. 5), destaca que, entre 1964 e 1980, foram criados 150 periódicos com conteúdos de oposição ao regime militar, ficando conhecidos como imprensa alternativa. “Em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico”.

Os jornais alternativos eram compostos por jornalistas, intelectuais e ativistas políticos que enxergavam os jornais como entidades autônomas que contribuem para formação de uma consciência crítica (Kuscinsk, 2001). Além da colaboração voluntária, os jornais se mantinham através do dinheiro dos jornalistas que trabalhavam na imprensa tradicional e da arrecadação de recursos através de shows de artistas. Entre os jornais alternativos de grande tiragem na época destaca-se: *O Pasquim*, comandado por Ziraldo e Jaguar; o *Versus*, por Marcos Faerman; o *Opinião*, por Raimundo Pereira e o *Pif Paf*, liderado por Millôr Fernandes.

Figura 1 – Jornal Pasquim que através do humor denunciava a ditadura militar



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Com o fim da ditadura militar em 1985, houve uma ampliação das emissoras de rádio e TV, assim como uma inovação dos meios de comunicação. Para Sérgio Filho (2022, p. 21), “o jornalismo chegou ao auge mercadológico, em uma intensa competição entre grupos que monopolizavam a comunicação”.

No Brasil, apenas em 1994, a Internet entrou em funcionamento para fins comerciais. O “Jornal do Brasil” lançou seu site em 1996, consagrando-se como o primeiro veículo impresso a entrar na Internet. Nos anos seguintes, que se estende até os dias atuais, houve um intenso crescimento dos veículos jornalísticos independentes que se apresentam como alternativos à imprensa tradicional (Lacerda, 2016). É preciso frisar que essa ascensão considera o contexto da internet e mídias sociais que cada vez mais são utilizadas para produzir e distribuir conteúdo. A cobertura dos protestos de junho de 2013 realizada pelo Coletivo Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação (Mídia Ninja) teve uma forte influência no aumento das iniciativas jornalísticas independentes no Brasil. Na conjuntura, o coletivo Mídia Ninja (<https://midianinja.org/>) utilizou as redes sociais para fazer transmissões ao vivo durante as manifestações contra o aumento de 20 centavos de real na tarifa do transporte público de São Paulo, no governo de Dilma Rousseff, em 2013, nas quais o repórter assumia o ponto de vista do manifestante (Dantas; Falcão, 2018).

O material estava disponível nos *streamings* e também foi divulgado na página do grupo

no Facebook, no canal do YouTube e no perfil do Twitter do Mídia Ninja. No site do grupo, eles definem o coletivo e sua atuação durante as manifestações políticas de 2013:

Uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho. (...) A Mídia NINJA foi fundada em 2013 e ganhou notoriedade durante as manifestações de junho que reuniram milhões nas ruas do Brasil. À ocasião realizou coberturas ao vivo de dentro dos protestos, com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional (Mídia Ninja, 2024 [on-line]).

A cobertura da Mídia Ninja mostrou na prática que a Internet e as redes sociais chegaram para revolucionar as formas de comunicação, descentralizando a informação dos grandes monopólios de comunicação e mostrando que é exequível fazer um jornalismo representativo contando o lado das histórias daqueles que por muito tempo não tiveram voz.

A mídia independente tem um papel marcante no cenário brasileiro, principalmente durante dos períodos de ataque à democracia e controle dos meios de comunicação. Essas iniciativas se propõem através da resistência levar informações éticas e verdadeiras, realizar denúncias de abusos e injustiças e despertar o senso crítico dos cidadãos.

Apesar das transformações do jornalismo independente desde o seu surgimento, perpassando do impresso ao digital, os seus interesses permanecem preservados. Dessa forma, as mudanças ao longo dos anos estão centradas nas formas de elaboração e veiculação da informação, que foram facilitadas pela modernização das tecnologias, não impactando o seu intuito inicial de, por meio de dados confiáveis, trazer mais visibilidade para pautas importantes e que não estão sendo veiculadas na grande mídia.

Retomando a pesquisadora Daniela Lacerda, ela ressalta que entre as maiores contribuições do jornalismo independente estão “a revigoração da atividade como um serviço voltado para a transparência, a preservação dos direitos humanos e o fortalecimento da democracia” (Lacerda, 2016, p. 75).

Além disso, este tipo de jornalismo impacta na redução do deserto de notícias, expressão surgida nos Estados Unidos para descrever as áreas geográficas que não possuem veículos de comunicação local, ou seja, municípios que não têm cobertura jornalística (Mota e Pacheco, 2024). Essa falta de cobertura traz grandes prejuízos para a população daquela região e também para as que estão fora delas, pois acontecimentos importantes não são divulgados.

No Brasil, uma pesquisa realizada em 2023 pela Atlas de Jornalismo mostrou uma redução de 8,6% no total de desertos de notícias. No entanto, os dados apontam que 2.712 municípios ainda vivem sem acesso a notícias locais, sendo o Nordeste a região com o maior número de desertos totalizando 56,4% das cidades nessa condição.

Nesse sentido, as mídias independentes favorecem a valorização do jornalismo local ao serem utilizadas para trazer notícias a lugares negligenciados pelos grandes veículos de comunicação. Cicilia Peruzzo (2005) destaca que o jornalismo local busca trabalhar com a informação de proximidade e as pessoas possuem interesse em ver os temas da sua localidade retratados na mídia. A pesquisadora acrescenta que “o meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões” (Peruzzo, 2005, p. 77-8).

Sendo uma aliada na mitigação dos desertos de notícias, essas mídias independentes buscam produzir jornalismo focado em questões regionais, gerando uma identificação do público com o conteúdo informativo e fortalecendo a cultura e história daquele lugar.

2.2 – O impacto da greve dos jornalistas de Alagoas na ascensão de veículos independentes

A greve dos jornalistas de Alagoas em 2019 foi um evento decisivo para a implantação de vários veículos jornalísticos independentes no estado, fundados por jornalistas demitidos e insatisfeitos com a mídia tradicional após o fim da mobilização.

Após várias reuniões de negociação com os empresários das três maiores empresas de comunicação alagoanas: TV Gazeta, afiliada da Rede Globo; TV Pajuçara, afiliada da TV Record, e TV Ponta Verde; afiliada do SBT, os jornalistas decidiram deflagrar uma greve contra a redução de 40% do piso salarial, implantação do banco de horas, compensação de jornada e teletrabalho, mudanças propostas pelas emissoras alegando problemas financeiros.

A mobilização teve início na madrugada no dia 25 de junho e durou nove dias. Nesse intervalo de tempo, os profissionais paralisaram todas as suas atividades jornalísticas, impactando diretamente a atualização dos sites e da grade dos programas de televisão. De acordo com Sindicato dos Jornalistas de Alagoas (Sindjornal), o movimento grevista contou com a participação de mais de 90% da categoria.

Figura 2 – Jornalistas concentrados em frente à TV Pajuçara



Fonte: Jonathas Lins

Repórteres, apresentadores, cinegrafistas, estagiários e estudantes de jornalismo se concentravam todos os dias em frente às emissoras expressando sua indignação com a proposta de redução salarial. Durante esse período de paralisação foram desenvolvidas diversas ações, como programação cultural com shows de artistas locais, campanha de doação de sangue “Meu sangue pelo jornalismo”, promoção de dia de laser com a família e distribuição de rosas e conversa com a população para explicar as razões que motivaram a deflagração da greve.

Além dos atos nos espaços físicos, os jornalistas utilizaram as redes sociais para divulgar o que estava acontecendo em Alagoas e aumentar o engajamento para o movimento. Correia (2020, p. 31), ressalta que, de forma certa, os profissionais conseguiram levar a pauta para as mídias sociais. “Na era dos protestos feitos online, os jornalistas alagoanos souberam aproveitar não só as circunstâncias das redes quanto o momento oportuno para agir com unidade tanto dentro quanto fora do mundo digital”.

Os grupos no WhatsApp foram usados para mobilização e organização das ações desenvolvidas diariamente. Já o Twitter, com o uso de hashtags específicas para cada dia, foi manejado para apresentar a situação para todo o país, resultando em momentos em que a greve esteve em primeiro lugar entre os assuntos mais comentados do Brasil.

Em 3 de julho, a greve teve finalização, após os desembargadores do Tribunal Regional do Trabalho da 19ª Região julgarem o dissídio coletivo da categoria e barrar a redução salarial, concedendo um reajuste de 3% no salário dos jornalistas. Com a decisão favorável, os profissionais voltaram às suas atividades no dia 4 de julho.

O retorno dos jornalistas da afiliada da Rede Globo foi marcado pelo anúncio da demissão de 15 profissionais e remanejamento de funções para aqueles que participaram dos piquetes. Nos dias seguintes, a TV Pajuçara comunicou o desligamento de 14 funcionários.

Em entrevista para o Brasil de Fato, o secretário-executivo do Sindjornal, Thiago Correa, abordou os desligamentos. “No entendimento do sindicato, essas demissões são atos antissindicaais, tomados única e exclusivamente por retaliação à greve, porque só os grevistas estão sendo demitidos, somente os grevistas estão passando por essa reformulação” (Brasil de Fato, 2019 [on-line]).

Esses jornalistas demitidos encontraram na mídia independente, com o auxílio das plataformas digitais, um caminho para continuar produzindo jornalismo, mas de um tipo diferente daquele que eles faziam para os veículos tradicionais que trabalhavam.

Nesse contexto, ainda em 2019, os profissionais se uniram e começaram a fundar os seus próprios veículos de comunicação. Oscar de Melo, um dos jornalistas demitidos, chegou a declarar na época que eles estavam se reinventando através do jornalismo independente e que eles mostrariam que existe vida fora da grande mídia.

Desde esse episódio de luta e união da categoria, o número de veículos jornalísticos independentes de Alagoas tem aumentado consideravelmente, por isso, a greve dos jornalistas pode ser vista como um processo decisivo para ascensão dessas mídias. Inclusive o Coletivo Olhos Jornalismo e a Mídia Caeté, veículos escolhidos para este trabalho, foram fundados após o fim da greve dos profissionais da comunicação.

Em 2022, uma pesquisa realizada pelo curso de Jornalismo da Universidade de Alagoas (Ufal) sob a coordenação do professor Júlio Arantes quantificou e caracterizou as iniciativas independentes ativas no estado. Como resultados foram constatados: 17 veículos que se intitulam como independentes e todos concentrados somente no ambiente digital; que majoritariamente os profissionais dessas mídias possuem diploma em jornalismo e tiveram experiências na mídia tradicional; que são compostos por equipes reduzidas e que exercem mais de uma função no veículo e, que recorrem a diversas formas para arrecadar dinheiro para sua manutenção.

Cabe ressaltar a importância dessas mídias independentes para Alagoas, que por muitos anos teve o jornalismo baseado em três grandes empresas de comunicação do estado, que foram fundadas por famílias tradicionais da política. Conforme os apontamentos de Melo, Luna e Azevedo (2022, p.4), esses veículos independentes “vêm burlando o tradicionalismo midiático

do estado, propondo um novo olhar sobre temáticas”. Além disso, trazem transparência para assuntos que nunca tiveram espaços nas mídias tradicionais alagoanas.

2.3 – Perfil da Mídia Caeté e do coletivo Olhos Jornalismo

As duas iniciativas independentes alagoanas Olhos Jornalismo e Mídia Caeté possuem como semelhanças o fato de ambas terem surgido através da Internet e por estarem exclusivamente no ciberespaço, o que as enquadra como nativos digitais, definição de Alexandre Lenzi (2020) para os empreendimentos que produzem conteúdo informativo e nasceram e existem somente no ambiente online. “O olhar específico para os nativos digitais consiste em um exercício na busca de efetiva originalidade e inovação em formatos e linguagens dos conteúdos jornalísticos profissionais” (Lenzi, 2020, p. 2).

A Mídia Caeté se define como uma cooperativa de trabalho sem fins lucrativos fundada em 2019, na qual utiliza a comunicação como uma ferramenta a serviço das comunidades. Seu enfoque está voltado para produção de reportagens especiais e investigativas, com independência editorial.

O nome Mídia Caeté foi escolhido devido a Alagoas também ser conhecida como a terra dos Caetés, dos quilombolas e dos povos marcados pela resistência. Dessa forma, a nomenclatura deixa explícito o lado da história que ela busca pautar e também o enfoque em temas locais.

O veículo conta com um portal e perfis no Instagram, Twitter, Facebook e YouTube, sendo que as redes sociais são usadas principalmente para divulgar o conteúdo publicado no site. A sede da mídia fica localizada no bairro do Farol, em Maceió, e a equipe é composta por cinco profissionais: Marcel Leite, repórter e coordenador de redes sociais; Mariana Cavalcanti, repórter e coordenadora de projetos especiais; Lucas Leite, repórter e coordenador de redação e roteiros; Wanessa Oliveira, repórter e editora geral; e Leonardo Reis, desenvolvedor.

As decisões editoriais seguem uma composição horizontal, baseadas no tripé de responsabilidade com a sociedade, com o jornalismo e com as condições de trabalho. Sua cobertura busca explorar a profundidade das temáticas com variadas óticas.

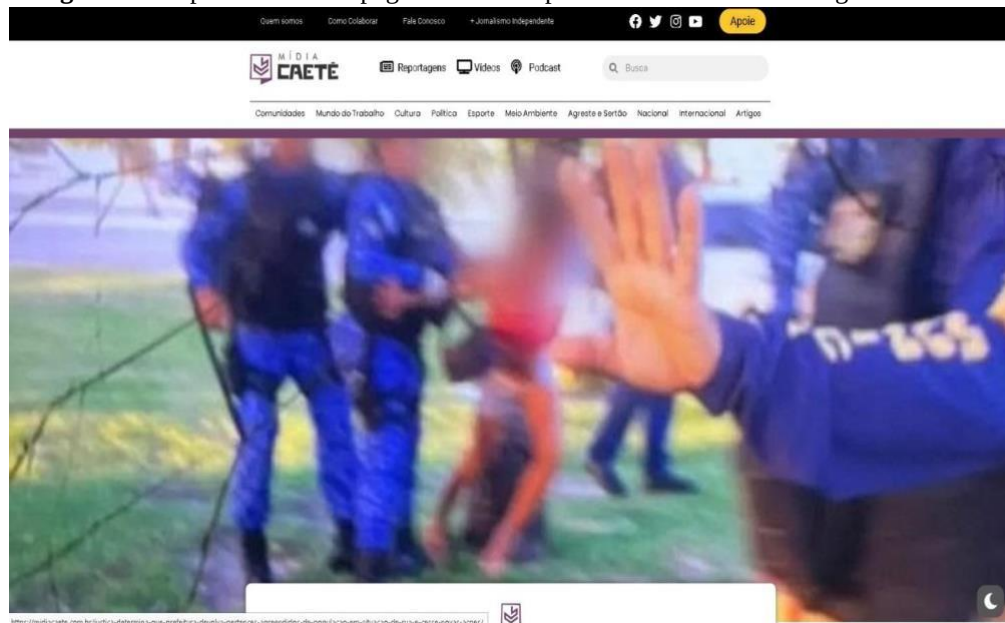
Defendemos que, enquanto jornalistas, nosso papel é denunciar as injustiças, (re)conhecer e visibilizar problemas sociais e qualquer desrespeito aos direitos humanos; e fiscalizar os poderes, independentemente de quem sejam os sujeitos que o exerçam. Onde houver qualquer tipo de ação que afete a população é onde pretendemos estar. Mesmo tendo em vista a importância da notícia, optamos por dispor esforços em matérias que estejam além do factual. Percorremos a trajetória

necessária para matéria aprofundada que não pule etapas, que se esforce em apresentar conteúdo analítico, que abranja todos os atores envolvidos, e que traga a perspectiva mais completa requerida para uma reportagem (Mídia Caeté, 2019 [on-line]).

A iniciativa esclarece que não possui padrões ou intervenção externas, o que garante a liberdade editorial do veículo para exercer um jornalismo combativo. Como não possuem financiadores, recorrem ao financiamento coletivo, também conhecido como *crowdfunding*, que consiste na obtenção de receita através de uma rede de apoiadores. Santos, Pontes, Paes (2018) ressalta que o financiamento coletivo surgiu em episódio da internet em que a participação do público foi potencializada nas plataformas online.

Na apresentação da Mídia Caeté no portal, eles afirmam que são focados no jornalismo local, em “temas que percorram os interesses sociais, a denúncia à violação de direitos humanos, e as informações como ferramentas para fortalecimento dos povos” (Mídia Caeté, 2019). Apesar de não ser o alvo do veículo, também são disponibilizadas algumas matérias com temas factuais e com uma extensão textual menor.

Figura 3 – Captura de tela da página inicial do portal da Mídia Caeté em agosto de 2024



Fonte: site Mídia Caeté

Em relação à estrutura do site, ele possui oito abas: Página inicial, que leva às editoriais e às matérias mais recentes publicadas; Reportagens, com todas as matérias produzidas; Vídeos, com os materiais audiovisuais divulgados no YouTube; Podcasts, que conta apenas com 1 episódio piloto; + Jornalismo independente, em que leva o leitor diretamente as páginas de outros veículos de jornalismo independente no Brasil; Quem somos, com uma apresentação do veículo, da linha editorial, da composição da equipe e uma breve descrição do que é o

jornalismo independente; Apoie, com a disponibilização da chave pix e um formulário de como deseja colaborar e, por último, o Fale conosco, com o e-mail para contato e o endereço da localização da sede.

Já o Olhos Jornalismo estreou em março de 2020 com o intuito de produzir coberturas relevantes e abordar assuntos de grande importância para a sociedade alagoana, como o direito à habitação adequada, o reconhecimento da cultura das comunidades periféricas, o acesso aos serviços de saúde e a luta contra diferentes formas de opressão.

Quando foi lançado este coletivo de mídia independente era intitulado como “O Que Os Olhos Não Veem” e contava com uma equipe de oito profissionais. Com o passar dos anos, o quadro foi reduzido para três jornalistas: Géssika Costa, Jean Albuquerque e Daphne Maria. Essa equipe, como destaca o veículo, é composta 100% por pessoas negras. Em relação a espaço, o Olhos Jornalismo não possui uma sede física.

Além do portal, o conteúdo produzido é disponibilizado nas plataformas Twitter, WhatsApp, Facebook, Instagram e YouTube. E, por se tratar de uma equipe pequena à frente dessa mídia, a produção e veiculação de informações também são reduzidas. Em vista disso, não há uma regularidade de publicações, resultando em grandes intervalos sem reportagens.

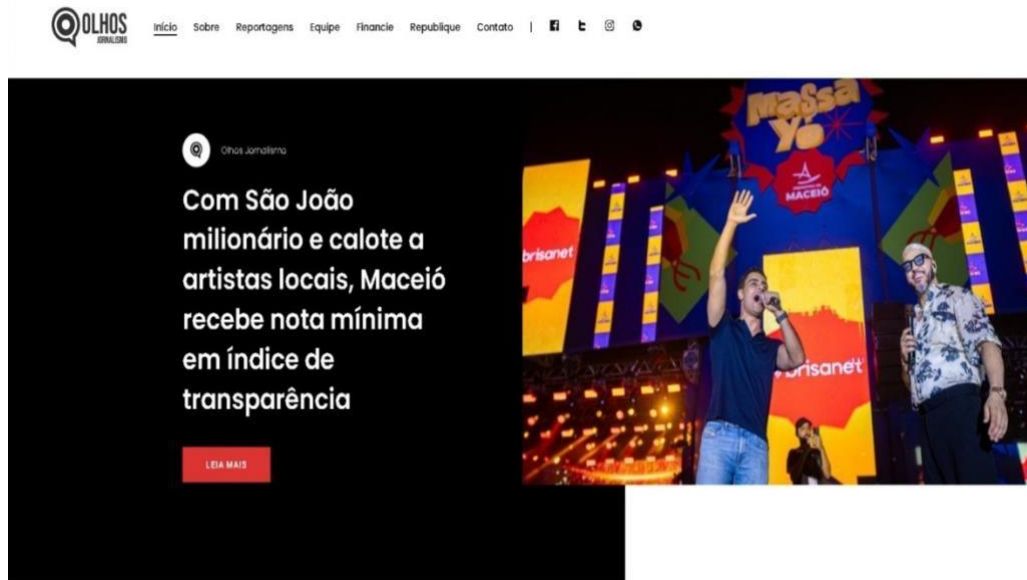
Na descrição do site é salientado que o objetivo é produzir jornalismo investigativo, independente e periférico baseado na ética e transparência. Os seus valores estão baseados no tripé de defesa dos direitos humanos, promoção da pluralidade de vozes e democratização da comunicação. Além disso, a ideia central é trabalhar com assuntos que não estão sendo debatidos na mídia tradicional, colocando as classes marginalizadas como protagonistas.

O Olhos Jornalismo se propõe a quebrar estigmas e a respeitar a diversidade de ideias, apresentando um conteúdo de interesse público, horizontal, propositivo e com narrativas plurais que possam cobrir as lacunas de informação e a invisibilidade de histórias ainda encontradas na sociedade. No solo que já hospedou o maior quilombo de resistência das Américas, marcado por muitas lutas e ainda assim rico em contradições, nos apresentamos como uma organização de mídia independente (Olhos Jornalismo, 2020 [on-line]).

Ao verificar a organização do portal, são constatadas sete abas: Página inicial, que é dividida nas reportagens textuais mais recentes, nas reportagens multimídia com o formato audiovisual e nas matérias mais lidas; Sobre – Olhos Jornalismo, com informações acerca do portal como missão, visão e valores; Reportagem, com as matérias publicadas; Equipe, com fotos e descrição dos jornalistas do portal; Financie, com a chave pix e as formas de entrar em contato para no financiamento do veículo; Republicue, informando as regras para republicação

das matérias, e Contato, que traz a opção de mandar mensagem pelo próprio site e também conta com os links das outras redes sociais que o Olhos está presente.

Figura 4 – Captura de tela da página inicial do portal Olhos Jornalismo em agosto de 2024



Fonte: site Olhos Jornalismo

A manutenção do veículo também segue as características da Mídia Caeté, sendo baseada no financiamento coletivo com doações dos apoiadores. Além da participação em editais de incentivo promovidos por startups, entre os programas que o veículo foi selecionado para recebimento de bolsa, destacam-se o de Jornalismo de Educação da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação) e Itaú Social, e a Bolsa de Jornalismo & Territórios, da Énois Agência de Jornalismo. Deste modo, o coletivo Olhos Jornalismo garante a liberdade editorial que a mídia independente necessita.

Esses dois veículos jornalísticos, apesar de existirem há pouco tempo, vêm dando notoriedade a pautas locais que nunca tiveram espaço no cenário tradicional da comunicação de Alagoas, respeitando a ética e credibilidade do jornalismo.

Como diferencial, eles também mostram que é possível fazer conteúdo colaborativo entre os veículos, que traz inúmeras vantagens. Exemplo disso são as reportagens desenvolvidas em parceria entre o Olhos Jornalismo e Mídia Caeté, que geralmente são do tipo especial, como a *Autonomia da mulher cega: uma dura conquista*, que fez parte do projeto Acessibilidade Jornalística: o problema que ninguém vê, vencedor do Desafio de Inovação do Google News Initiative (GNI) de 2021.

Sendo disponibilizadas nos dois portais, essas reportagens mostram que eles não se enxergam como mídias rivais, mas são aliados na construção de um caminho para um jornalismo feito para o povo e que tem o povo como protagonista.

Além das parcerias entre as mídias alagoanas, também são realizados projetos com veículos de outros estados, como o Marco Zero Conteúdo, de Pernambuco, que se uniu à Mídia Caeté e o Olhos Jornalismo em 2023 para criar a Redação Nordeste, com o intuito de apurar e produzir reportagens acerca do afundamento do solo em Maceió, sendo estas publicadas nos três veículos.

Como as mídias independentes têm recursos limitados, essas colaborações têm como objetivo alcançar um público maior para as reportagens, assim como compartilhar materiais e equipes de jornalistas para a cobertura. Dessa forma, essa cooperação entre os veículos é fundamental para fortalecer o jornalismo independente e garantir a divulgação eficaz, precisa e abrangente de informações importantes.

3- JORNALISMO DE SAÚDE: DEFINIÇÕES E INFLUÊNCIAS

A mídia influencia diretamente a forma que a população encara os serviços e cuidados com a saúde, sendo uma importante aliada na conscientização sobre questões relacionadas à temática. De acordo com Teixeira (2012), a influência da mídia não se limita apenas aos cidadãos leigos como fonte primária de informação em saúde, mas também é capaz de influir até os profissionais de saúde e cientistas.

As informações veiculadas em artigos e notícias, além de informar e atualizar os cidadãos, incentivam a adoção de práticas saudáveis que visam à melhoria da qualidade de vida. Ademais, promovem o combate à desinformação e ajudam na tomada de decisões positivas em relação ao bem estar.

Rangel e Ramos (2017) destacam que, devido ao contexto atual de ampla divulgação de notícias na Internet, a comunicação e a saúde se entrelaçam com discursos promovendo o autocuidado e prevenção de enfermidades.

Na sociedade contemporânea as áreas de comunicação e saúde passaram a se configurar como um novo campo de interface de produção de saberes, teorias, métodos e práticas, pois que nesta sociedade circulam os mais diversos discursos sobre saúde, que propagam o autocuidado vinculado à crescente diversidade e oferta de bens e serviços voltados para a promoção da saúde e prevenção de doenças, ainda que permaneçam os discursos e práticas higienistas. São variadas as fontes de informação e conhecimento e as modalidades de comunicação, tornando complexa a definição e intervenção na área da saúde (Rangel, Ramos, 2017, p. 15).

Dedicado à cobertura de assuntos relacionados à temática de saúde, como prevenção e bem-estar, avanços e descobertas científicas, doenças, políticas públicas de saúde e segurança alimentar, o jornalismo em saúde, considerado para alguns uma vertente do jornalismo científico (Bueno, 1985; Lopes, 2020), é a área jornalística especializada que aborda as questões relacionadas aos processos de saúde e doença.

Esse jornalismo especializado é a prática focada em uma área específica do conhecimento. Segundo Tavares (2009), a especialização pode ser relacionada a três manifestações: a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, impresso, radiofônico, ciberjornalismo, etc.), a temas (jornalismo de saúde, ambiental, esportivo, etc.) e à junção de ambos (jornalismo ambiental radiofônico etc.). O autor ressalta que “a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos” (Tavares, 2009, p. 117).

O propósito do jornalismo em saúde é apresentar para os leitores, de forma simplificada, o vocabulário científico e o discurso dos especialistas. “É na interação [sic] com médicos,

biólogos, farmacologistas, epidemiologistas, entre outros, que o jornalista de saúde assume a posição de decodificador de vocabulário, conceitos e discursos técnicos” (Vasconcelos, 2005, p. 248).

Ferrari e Moura (2009, p. 7) ressaltam que o jornalismo em saúde se relaciona com a prática do jornalismo científico e possui a missão de popularizar a ciência. “A cobertura mais frequente sobre saúde está mais associada a propagar resultados de pesquisas científicas e descobertas de tratamentos médicos”. Já para Miranda (2018, p. 5), por sua vez, o “jornalismo especializado em saúde é um campo que elabora narrativas sobre saúde a partir de lógicas de produção particulares e a partir da adesão ao mundo fático, ou seja, à realidade”. A pesquisadora acrescenta que ele é produzido por jornalistas para uma audiência ampla e heterogênea.

Considerando os espaços de prática do jornalismo de saúde, Bueno (2007) destaca que ele está presente para além da mídia, manifestando-se em veículos de divulgação patrocinados por universidades, institutos de pesquisa, empresas, colunas, cadernos específicos e sites de entidades da área de saúde, que possuem espaços destinados à interação com jornalistas.

Apesar de estar presente em variados meios de divulgação, a história do jornalismo em saúde é nova comparada a outras especializações, assim como o seu estudo no ambiente acadêmico. No entanto, o seu desempenho traz como benefícios para a sociedade o fornecimento informações atualizadas, confiáveis e com embasamento científico.

O jornalismo em saúde se torna ainda mais necessário na contemporaneidade, por ser uma época marcada pela disseminação de *fake news*. Essas notícias falsas já são consideradas um fenômeno em larga escala e com alta velocidade de propagação. Apesar de serem seculares, é notório um aumento nos últimos anos devido ao avanço das tecnologias digitais.

Trazendo para o contexto de saúde, Carlos Orsi (2020, p. 62) esclarece que *fake news* em saúde são informações erradas, distorcidas ou descontextualizadas que levam uma pessoa a tomar decisões errôneas e adotar comportamentos indevidos. Sendo que, na saúde, as informações falsas trazem sérias implicações.

A causa primeira da falsidade – se erro ou má-fé do pesquisador, se a incerteza inerente ao processo científico, se ignorância ou impostura do veículo que faz a divulgação – é menos importante que o impacto. Em saúde, afinal, informação errada custa vidas, tempo e dinheiro. A cada vez que uma terapia inútil é promovida no noticiário, um charlatão enriquece e um cidadão é lesado.

Com o aumento da desinformação, o jornalismo em saúde assume a responsabilidade de passar para o público um conteúdo criteriosamente avaliado para evitar possíveis notícias falsas relacionadas à saúde. Sendo assim, através da apresentação de fontes precisas e confiáveis, ele

ajuda as pessoas a se informarem corretamente para que elas tomem decisões que não coloquem seu bem-estar em risco.

Garcia *et al.* (2015) apontam que, em decorrência da saúde ser determinada por diversos fatores, as informações e propagandas influenciam diretamente o comportamento dos indivíduos, sendo este um dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), assim como os fatores sociais, econômicos, culturais, étnico/raciais e psicológicos, nos quais impactam a ocorrência de doenças e seus fatores de risco. Ou seja, o comportamento de cada indivíduo pode afetar positivamente ou negativamente sua saúde, uma vez que a saúde está relacionada às circunstâncias sociais. Dessa maneira, as notícias de saúde também cumprem o papel de educar o leitor para um comportamento que beneficie sua saúde.

Além disso, o jornalismo de saúde busca conscientizar os indivíduos através de fontes seguras ligadas a área da medicina, enfermagem, odontologia, farmácia e fisioterapia para pautar à prevenção - com o incentivo à adoção de um estilo de vida saudável, divulgando os avanços científicos, denunciando os problemas relacionados à saúde e promovendo políticas públicas relacionadas à temática.

3.1 – Perspectiva histórica do jornalismo científico

O jornalismo em saúde tem suas raízes no jornalismo científico, que surgiu com o intuito de divulgar as descobertas e avanços científicos da época para o público em geral. Bueno (1985, p. 1420) conceitua o jornalismo científico como “um caso particular da divulgação científica. Ele não se resume à veiculação de informações científicas e tecnológicas pelo meio impresso e atende a pelo menos seis funções básicas”.

De acordo com o autor, essas funções incluem: a informativa, que fornece informações e fatos de natureza científica; a educativa, que dissemina conhecimentos e contribui para a formação de um pensamento crítico; a social, que abrange o processo de humanização da ciência e envolve a responsabilidade social do jornalista; a cultural, que ajuda a preservar e promover a cultura nacional; a econômica, que destaca a relação entre o desenvolvimento da ciência e o setor produtivo; e a político-ideológica, que se entrelaça com as outras cinco funções e auxilia no combate à alienação e à simples reprodução de informações por empresas multinacionais do campo científico.

De acordo com Miranda (2014, p. 3), o jornalismo científico se trata de “uma especialidade do campo do jornalismo, assim como o são o jornalismo cultural, político e econômico, por exemplo”. A pesquisadora acrescenta que ele abrange toda a produção baseada em ciência divulgada pelos meios de comunicação, sendo capaz de apresentar um primeiro conhecimento sobre o mundo.

Conforme os apontamentos de José Marques de Melo (1982), o jornalismo científico envolve a interação entre veículos e o público, utilizando diversos meios de divulgação para transmitir informações atuais e relevantes. Segundo Melo (1982, p. 24), esse jornalismo pode ser definido como um:

[...]processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras e revistas) e coletividade (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos).

Acerca dos objetivos do jornalismo científico, Bueno (1985) cita, conforme as ponderações de Calvo Hernando (1977) os seguintes: promoção de uma consciência nacional de apoio e incentivo à investigação científica, divulgação de novos conhecimentos, atenção ao sistema educacional para fornecer recursos qualificados para o desempenho do trabalho de investigação, melhoria na comunicação entre investigadores e estabelecimento de uma infraestrutura de comunicação, e consideração das novas tecnologias como medidas que visam democratizar o acesso ao conhecimento científico e tecnológico.

O pesquisador Wilson Bueno (1985) aponta que o jornalismo científico está situado no campo da difusão científica. Por isso, o autor apresenta uma diferenciação entre os termos difusão, divulgação e disseminação, que são usados como sinônimos para definir a veiculação de informações científicas.

O termo difusão é amplo e faz referência a todo o processo utilizado para veiculação de informações científicas, abrangendo desde os períodos especializados até a codificação da linguagem especializada para uma linguagem mais acessível para o público. Já a divulgação científica, também conhecida como popularização da ciência, é a veiculação de informações pela imprensa, o que inclui livros didáticos, aulas, folhetos, feiras de ciências e campanhas.

Diferente dos dois primeiros termos, que objetivam atingir um público universal, a disseminação apresenta uma clara restrição da audiência, objetivando o contato apenas entre pesquisadores, podendo ser a intrapares ou a extrapares. Por disseminação intrapares, entendese

a circulação de informações entre especialistas da mesma área e a extrapares, por pesquisadores que não trabalham no mesmo campo.

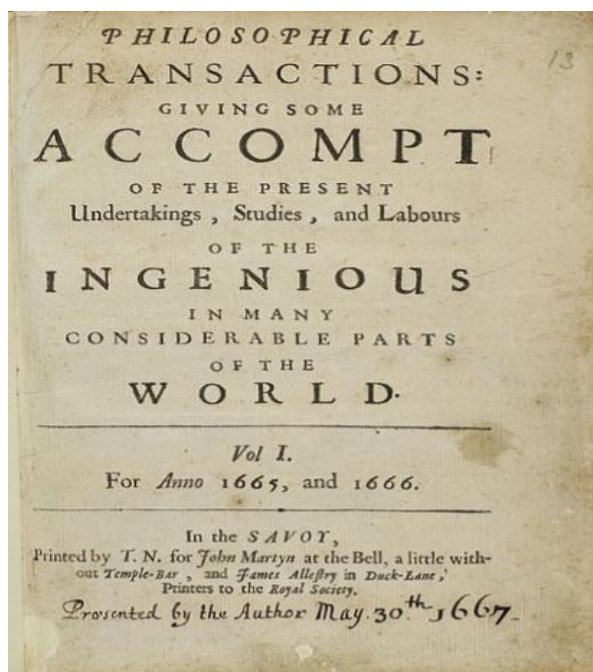
Burkett (1990) destaca que o início da divulgação científica ocorreu paralelamente à ciência moderna, no século XVI, com reuniões escondidas entre eruditos, nobres, mercadores e artistas, uma vez que o Estado e Igreja Católica censuravam o trabalho dos cientistas. Nesses encontros, foi introduzida uma cultura de comunicação aberta e oral sobre os temas científicos.

Durante essa época, para além da comunicação entre cientistas, começou a divulgação científica para um público mais amplo. Costa (2010, p. 15) relata que o cientista Galileu Galilai escreveu obras em italiano, em um período que a ciência só era escrita em latim, e que, apesar do texto ainda possuir uma linguagem difícil para quem não entendia da área, essa iniciativa já mostrava o interesse em levar a ciência para uma parcela maior de pessoas.

No século XVII, surgiram as grandes sociedades científicas, objetivando através da troca de informações, estimular a pesquisa e promover a divulgação da ciência, como a *L'Accademia Nazionale dei Lincei*, em 1603, na Itália, *German Academy of Sciences Leopoldina*, em 1652, na Alemanha, *The Royal Society*, em 1660, na Inglaterra, e a *Académie des Sciences*, em 1666, na França.

A primeira revista científica regular do mundo, que se mantém até os dias atuais, foi a *Philosophical Transactions*, publicada no dia 6 de março de 1665, em Londres. Henry Oldenburg, o primeiro secretário da *The Royal Society*, atuou como editor e publicador do periódico, por isso é considerado um precursor do jornalismo científico devido às suas habilidades linguísticas. Publicada mensalmente, o conteúdo da *Philosophical Transactions* divulgava os trabalhos de renomados cientistas e era destinado principalmente para a comunidade científica.

Figura 5 – Capa da primeira publicação da revista *Philosophical Transactions*



Fonte: Biodiversity Heritage Library

Os anos seguintes foram marcados pelo avanço da ciência, por isso, a demanda por informações sobre essa temática cresceu, ocasionando uma expansão do jornalismo científico. Aline Rios *et al.* (2005, p. 2) destaca eventos marcantes que contribuíram para esse crescimento e o uso de uma linguagem mais acessível para os leitores. “O desenvolvimento da cultura e da alfabetização na Europa contribuiu com o lançamento de jornais e revistas, onde os editores reescreviam artigos científicos, de forma que os textos se tornassem mais compreensíveis”.

De acordo com Mueller e Caribé (2010, p. 18), a partir do século XVIII, a finalidade dos periódicos científicos passaram a ser a de “prover a comunidade científica e os leigos interessados de notícias, em língua vernácula, sobre trabalhos originalmente divulgados em línguas estrangeiras”. Dessa maneira, os jornais e revistas passaram a aspirar o levar para todas as pessoas o acesso a informações de estudos e pesquisas científicas.

No século XIX, houve uma expansão dos periódicos científicos em todas as áreas do conhecimento. Entre as principais revistas científicas lançadas nesse século destacam-se: *A The Lancet*, fundada em 1823 no Reino Unido; *A Nature*, também fundada no Reino Unido em 1869 e a *Science*, lançada em 1880 nos Estados Unidos.

Rios (2005) comenta que o Estado passou a investir no setor, assim como as editoras comerciais que, juntamente com as instituições universitárias alavancaram os espaços de produção e divulgação da ciência. Na segunda metade do século XIX, o jornalismo científico teve um grande impulso na Europa, principalmente na França, uma vez que, depois do Iluminismo, a elite passou a valorizar consideravelmente a ciência.

No decorrer dos anos, o jornalismo científico passou a ganhar cada vez mais espaço na mídia, atingindo o seu apogeu no século XX. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) intensificaram o desenvolvimento da ciência e tecnologia, contribuindo para o progresso do jornalismo científico.

Diversos fatores contribuíram para o crescimento desse jornalismo, como a necessidade de informar para o público o que estava sendo desenvolvido por cada país, o aumento do interesse da população para as informações sobre os avanços científicos e tecnológicos que impactariam suas vidas, os governos usarem a ciência para fazer propaganda do progresso e justificar as razões de guerra, e a profissionalização do jornalismo científico com a contratação de jornalistas especializados em ciência pelos veículos de mídia.

Após o fim das duas grandes guerras, a União Soviética e os Estados Unidos deram início à Guerra Fria, conflito ideológico e político, que floresceu o desenvolvimento da ciência e da cobertura midiática. Nos Estados Unidos, houve uma forte expansão do jornalismo científico, no entanto, o seu intuito era apenas estimular a sociedade a valorizar a ciência em prol do estado, sendo acrítico aos acontecimentos.

Roxana Tabakman (2013) aponta que o primeiro jornal a ter uma sessão dedicada especialmente ao jornalismo em saúde foi o *The New York Times*. Em 1977, o jornal lançou uma coluna semanal chamada *Science Times*, que incluía uma seção específica para temas de saúde, como os avanços médicos. A autora destaca que a imprensa de saúde teve uma evolução muito rápida, principalmente em decorrência dos leitores cada vez mais buscarem informações sobre esse tema em várias fontes existentes.

Essa ideia se globalizou e começaram a surgir nos jornais de todo o mundo páginas especializadas semanais nas quais, com tempo, espaço e dose de reflexão maior do que o habitual, médicos e jornalistas abordavam temas de saúde. (...) Atendendo aos desejos dos clientes, o cuidado com a saúde já tinha garantido seu espaço nas capas e nos cadernos de cidades ou informação geral de jornais, revistas e programas de televisão. É nesse terreno, que ano após ano, aumenta o número de notícias relacionadas à saúde (Tabakman, 2013, p. 9).

A crescente preocupação das pessoas por questões relacionadas à saúde colaborou para que o jornalismo em saúde aceleradamente ganhasse espaço nos meios de comunicação de todo o planeta. A cobertura de crises de saúde, como a pandemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da AIDS, nos anos 1980 e 1990, destaca a importância desse jornalismo e da necessidade de informações corretas para conscientizar e salvar vidas.

Mary Spink *et al.* (2001) relatam a dimensão midiática e destaque para a AIDS nos diferentes veículos de mídia, que, de acordo com o jornal francês *Le Figaro*, “A AIDS é a

primeira doença da mídia”, devido à sua alta difusão nos meios de comunicação de massa. Para Spink (2002, p. 852) diversos pesquisadores têm concentrado sua atenção nessa cobertura midiática pela função da mídia na produção de sentidos na sociedade contemporânea.

A mídia, nessa perspectiva, cumpre dois papéis importantes: por um lado, a imprensa anunciou o aparecimento de um novo fenômeno no campo da patologia; e, por outro, desenhou progressivamente seus contornos e, sobretudo, operou a passagem das informações sobre a doença do domínio médico e científico para o registro social (Spink *et al.*, 2001, p. 852).

Entre o fim do século XX e o início do XXI, o jornalismo em saúde continuou se expandindo e há um aumento de veículos especializados ao redor do mundo. Sendo que este período também foi marcado pela revolução digital, com uma mudança nas formas de produzir e distribuir essas informações. A internet e as redes sociais permitiram uma maior agilidade e aumento do alcance dos conteúdos de saúde no século XXI. Em contrapartida, as mídias sociais também proporcionaram um aumento das informações falsas, desafiando os jornalistas a realizarem uma checagem de fatos mais rigorosa e a atuarem no combate às *fake news*.

Em 2019, os olhares da imprensa se voltaram para a cobertura de covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que foi declarada pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020.

Durante três anos, os veículos de comunicação se voltaram para noticiar os números de casos de covid-19, as medidas preventivas, os avanços científicos e a taxa de cobertura vacinal. A editoria de saúde assumiu um importante espaço nos meios de comunicação dando voz aos pesquisadores e profissionais de saúde, além de trazer informações apuradas sobre fatos envolvendo a enfermidade. Em razão da pandemia do novo coronavírus, ficou evidente a relevância da cobertura midiática de saúde durante crises de saúde pública.

Em um artigo sobre o trabalho dos jornalistas durante a crise sanitária, Girlane Teixeira (2022) destaca o papel que os profissionais assumiram naquele contexto.

A atuação dos jornalistas na cobertura da Covid-19 demonstrou-se essencial para a conscientização da população sobre um vírus letal e para o esclarecimento dos fatos, como porta-voz dos pesquisadores e cientistas. Devido ao grande número de informações que chegam ao conhecimento do público gerando dúvidas e desconfianças, os profissionais da comunicação buscam incansavelmente apurar e averiguar as enxurrada de informações e transmitir, de forma segura, informações precisas e corretas sobre os acontecimentos (Reverso Online, 2022 [on-line]).

Em resumo, a história do jornalismo científico até chegar ao jornalismo em saúde é marcada por uma evolução constante, acompanhando os avanços da ciência e da tecnologia e adaptando-se às necessidades e interesses do público em relação à saúde e ao bem-estar.

É indiscutível que o jornalismo em saúde cumpre o papel crucial de trazer esclarecimentos que ajudam a melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. O seu crescimento nos últimos anos fortemente esteve relacionado à cobertura de covid-19, que desafiou os jornalistas a repassarem informações atualizadas e verificadas com urgência.

Com o fim da pandemia, já é possível verificar uma expansão do jornalismo em saúde, desde o crescimento das especializações na área ao redor do mundo até o reconhecimento da importância dessa cobertura especializada pelo público que busca informações apuradas e precisas sobre a temática.

3.2 – Evolução do jornalismo de saúde no Brasil

Os trabalhos acadêmicos que apresentam como temática o jornalismo em saúde frequentemente destacam a tradição do jornalismo científico. Isso se deve ao seu longo histórico de comunicar ao público, com credibilidade, temas relacionados à ciência e à saúde, desempenhando esse papel desde antes da criação da especialização em jornalismo de saúde.

No Brasil, as atividades de difusão científica tiveram início somente após a chegada da corte real portuguesa, em 1808, que trouxeram em seus navios vários intelectuais e professores. Sandrini (2014) relata que, antes de D. João VI se estabelecer no país, as atividades científicas eram quase inexistentes, sobretudo pela baixa quantidade de pessoas letradas. O novo governo estimulou a ciência nas terras brasileiras, com a criação de escolas de medicina, cursos de ciências, abertura de bibliotecas e jardins botânicos e o Museu Nacional (Oliveira, 1999).

Apesar de não ser especializado em ciência, o jornal *Correio Braziliense*, de Hipólito Costa, é considerado um precursor do jornalismo científico, uma vez que em suas páginas já eram divulgados estudos sobre as técnicas de agricultura e pecuária. Além do *Correio Braziliense*, os jornais *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), *O Investigador Português* (1811) e *O Patriota* (1813) também traziam em suas páginas notícias relacionadas à ciência.

A intensificação da divulgação científica no país ocorreu na segunda metade do século XIX, devido ao interesse de D. Pedro II pela área e à curiosidade da população pela ciência. Exposições nacionais, conferências públicas e cursos populares promovidos pelo Museu Nacional são exemplos das atividades que foram desenvolvidas visando divulgar os conhecimentos científicos naquele período. No entanto, esse trabalho de divulgação científica era realizado por indivíduos ligados as diferentes áreas da ciência, ou seja, não há destaque para a presença de jornalistas.

Entre o fim do século XIX e início do XX, houve uma diminuição nas atividades de divulgação científica. Apenas em 1920, essas iniciativas tiveram um crescimento no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com Rafaela Sandrini (2014, p. 5), naquela época, “coletâneas científicas foram criadas, jornais diários, mesmo que de modo esporádico, começaram a abrir espaço para a ciência, livros nacionais e traduzidos destinados à divulgação da ciência foram publicados e conferências públicas foram realizadas”.

A divulgação científica no Brasil crescia em passos lentos no início do século XX. Apesar disso, como aponta Serrano (2022), o trabalho realizado pelo médico José Reis, considerado patrono do jornalismo científico, teve um importante destaque nas décadas de 1930 e 1940, com a publicação de artigos em jornais como O Estado de S. Paulo.

José Reis, médico patologista e pesquisador, sem dúvida é um ícone do jornalismo científico não só porque ajudou a popularizar a divulgação científica, como também pela importância que teve no seu momento histórico, a partir da década de 1940 e como patrono do Prêmio José Reis de Jornalismo Científico do CNPq (Jornal da USP, 2022 [on-line]).

Seguindo a tendência mundial, após o fim das guerras mundiais, o jornalismo científico ganhou mais espaço na imprensa brasileira. Em 1948, José Reis, juntamente com outros cientistas, fundou a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

No período da ditadura militar brasileira (1964-1985), houve um aumento no financiamento da pesquisa científica e uma limitação da divulgação científica (Sandrini, 2014). Silva, Junior e Oliveira (2014, p. 7) destacam que, nos anos iniciais do regime militar teve uma “aceleração científica por meio das academias e dos programas de especialização criados à época, o que proporcionou uma produção mais sistematizada e crescente da ciência e da tecnologia”.

Em contrapartida, as produções de jornalismo científico sofriam uma dura censura, assim como as demais áreas da comunicação. Nesse contexto, um grupo de jornalistas preocupados com a divulgação de informações sobre ciência fundou a Associação Brasileira de Jornalismo Científico, em 19 de setembro de 1977, em São Paulo.

Com o fim da ditadura militar, o jornalismo de saúde ganha destaque no intervalo dos anos de 1980 e 1990, com o surgimento de seções dedicadas à saúde nos principais veículos de mídia do país, como a Folha de São Paulo. “A partir, principalmente, de meados da década de 80, temos um corte notável entre o que chamamos de ‘comunicação em saúde’ e o que se poderia rotular indistintamente como “saúde na mídia” (Xavier, 2003, p. 43, grifo do autor). A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990 e o aumento dos casos de AIDS foram alguns dos acontecimentos que influenciaram o crescimento da cobertura de saúde no Brasil .

No século XXI, o jornalismo enfrenta inúmeros desafios, o que também inclui uma crise no especializado em saúde. Isso abalou tanto a quantidade quanto a qualidade da cobertura nessa área, sendo notória uma perda dos espaços de saúde na imprensa criados a partir de meados de 1980.

Após anos de declínio, o jornalismo em saúde somente volta ao destaque na mídia brasileira durante a covid-19. Pesquisadores apontam que, nos anos 2020 e 2021, auge da crise sanitária, os veículos de comunicação ampliaram significativamente a cobertura de saúde em suas programações.

Uma pesquisa realizada por Cajazeira, Souza e Antoniutti (2021) investigou a cobertura jornalística de janeiro a maio de 2020 do noticiário de maior audiência do país, o Jornal Nacional, da Rede Globo. Os pesquisadores concluíram que o jornal, que anteriormente cobria temas amplos, passou de uma politematização para uma monotematização das notícias da covid-19, totalizando 911 matérias veiculadas sobre a temática durante os meses analisados.

Esse crescimento de matérias sobre saúde nos noticiários também reflete o interesse das pessoas de se manterem informada sobre um assunto novo e preocupante. Ripollés (2021) destaca o aumento mundial da procura de notícias tanto nas mídias convencionais quanto nas digitais, que partiu da necessidade das pessoas de adquirirem conhecimento sobre a pandemia para reduzir a ansiedade.

Apesar das incertezas em relação ao futuro do jornalismo em saúde no Brasil, cabe ressaltar a importância do seu papel durante a pandemia no fornecimento de informações confiáveis e combate às *fake news*, na cobrança de transparência aos governantes e autoridades de saúde, e na divulgação do relato de especialistas de forma acessível para educar a população sobre as questões de saúde e medidas preventivas.

3.3– A abordagem da saúde pela mídia tradicional

A mídia tradicional ou grande mídia são algumas das denominações usadas para se referir aos meios de comunicação convencionais, como jornal impresso, rádio, televisão. De acordo com Rosas (2014), por serem meios de comunicação de massa eles têm um grande alcance de público.

Ao longo dos anos, a grande mídia sofreu significativas mudanças para se adaptar ao contexto de cada época e manter o controle da informação atendendo aos seus interesses. Lacerda (2016) destaca que, nas últimas décadas, a mídia tradicional vem passando por uma

crise que abrange: a perda de qualidade com o tratamento da notícia como mercadoria; a redução das equipes e sobrecarga de função; as dificuldades na transição para o ambiente digital e a perda de publicidade.

No entanto, apesar dessa atribulação no século XXI, a sua credibilidade em informar continua em vantagem em relação a outros meios. É o que aponta uma pesquisa realizada em 2024 pela Fundamento Análises, divisão especializada em *business intelligence* da Fundamento Grupo de Comunicação, com o apoio institucional as Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner) e do Instituto Palavra Aberta. De acordo com o estudo, ocupando o primeiro lugar com 29%, os entrevistados brasileiros preferem se informar por sites de jornais, revistas, rádios e canais de TV. Esses dados apontam que as empresas tradicionais ainda lideram o ranking de consumo de informações no país.

Na América Latina, o controle dos meios de comunicação está frequentemente sob o domínio de políticos e famílias tradicionais. Marinoni (2015) destaca que, a apropriação dos meios de comunicação em sociedades capitalistas se dá de forma desigual, isso é notório na mídia brasileira, que é caracterizada pela concentração monopólica. Um exemplo é o Grupo Globo, da família Marinho, que é considerado o maior conglomerado de mídia do país, detentora de emissora de televisão (TV Globo), jornais (O Globo, Extra), rádio (Rádio Globo), Editora Globo (revistas Época, Globo Rural e Marie Claire) e os serviços de *streaming* e *sites* (Globoplay e G1).

Barros (2018) esclarece que, no Brasil, há ausência de uma legislação reguladora dos monopólios e que no Código Brasileiro de Telecomunicações de 1962, não há preocupação com a propriedade cruzada, que é o controle de um mesmo grupo por vários tipos de mídia.

A mídia hegemônica é formada por grandes grupos que, conforme explica Tuasco (2023), têm seus interesses definidos por questões financeiras, em uma lógica de produção orientada pelo que vende mais. Em decorrência disso, há uma barreira em tratar questões sociais com complexidade e pluralidade de visões.

As pautas da mídia *mainstream* trazem limitações devido aos interesses comerciais dos anunciantes que priorizam conteúdos que atraem mais audiência e receita publicitária. Ou seja, essas pressões externas influenciam diretamente as informações que serão abordadas nos veículos de comunicação tradicionais. Bernardo Kuscinsk (2002) aponta as problemáticas da cobertura das notícias com esse caráter de mercadoria e o impacto desse modelo neoliberal no jornalismo de saúde.

A notícia, como produto de mercado, ganha contornos mais graves quando se trata da saúde porque, também neste campo, há uma crescente mercantilização com a predominância de reportagens sobre o corpo, a beleza e os problemas de saúde que afetam as pessoas. Essas notícias vendem muito mais do que outras notícias de saúde e, por isso, são consideradas estratégicas no campo da comunicação (Kuscinsk, 2002, p. 96).

O autor acrescenta que em razão da notícia ser vendida como mercadoria, o processo social de produção jornalística em saúde passa pelos fenômenos de espetacularização, simplificação, reducionismo, estereotipia, elitismo temático e instrumentalização ideológica e outros.

Para Cavaca *et al.* (2015, p. 3577), por questões de mercado, a cobertura midiática brasileira de saúde está centrada na estética, e essa superestimação na divulgação de informações fúteis em saúde consequentemente promove o silenciamento das relevantes. “Tais temáticas alimentam a procrastinação dos problemas, o enfraquecimento das pautas dos movimentos sociais, bem como a alienação dos cidadãos sobre seus direitos constitucionalmente garantidos”.

Além disso, as matérias de saúde veiculadas pela mídia tradicional frequentemente excluem falas de pessoas ligadas a movimentos populares de saúde e de outros profissionais da área que não sejam médicos. Kucinsky (2002) destaca que esse elitismo também está presente nas temáticas escolhidas pelos veículos.

Raramente vemos grandes reportagens sobre o surto de hepatite no Amazonas, ou a malária, a esquistossomose ou a lepra. Mesmo doenças como a tuberculose não são muito populares na mídia; predominam as reportagens sobre o corpo, sobre a beleza, sobre doenças que afetam as pessoas com mais posses, ou mais ricas. Não por acaso multiplicam-se as reportagens sobre a saúde pessoal dos mais ricos. As pessoas hoje vivem muito mais anos do que se vivia antes, e são anos onde se tem que conviver com problemas de saúde. (Kuscinsk, 2002, p. 96).

Para a mídia tradicional, a audiência e o lucro são mais importantes que a informação em si. Em detrimento dessa lógica, assuntos importantes, mas que não trazem tanta repercussão, não são divulgados. Por essa razão, temáticas que envolvem grupos minoritários costumam ter pouco ou nenhum destaque.

Essas problemáticas da grande mídia possuem um impacto ainda maior na cobertura da saúde, pois a falta de informação e da pluralidade de vozes trazem sérias consequências para a tomada de decisões e comprometem o bem-estar dos indivíduos.

Em contrapartida, o jornalismo independente em saúde busca suprir esses impasses da mídia tradicional, apostando em uma cobertura aprofundada, com variedade de perspectivas e

vozes, e que aborda questões locais negligenciadas, visando promover a popularização da informação.

O intuito desse subcapítulo é trazer um breve panorama, pois, à vista do jornalismo em saúde ser recente na história da comunicação, poucos estudos trazem o debate sobre essa temática e as implicações sociais da cobertura realizada pela grande mídia.

4 – METODOLOGIA

Para realização deste estudo foi escolhido executar uma análise de conteúdo, de uma maneira que consiga evidenciar como as mídias independentes de Alagoas apresentam reportagens sobre saúde nos seus portais. Considerando desde as temáticas abordadas até estrutura organizacional do conteúdo no site.

O objeto de estudo deste trabalho são as reportagens que pautam a saúde, publicadas nos portais Olhos Jornalismo (<https://olhosjornalismo.com.br/amp/>) e Mídia Caeté (<https://midiacaete.com.br/>) entre 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2022.

Essas mídias foram escolhidas por se autodenominarem “independentes” e por se proporem a produzir conteúdo em contrapartida à lógica hegemônica propagada pela mídia tradicional. Além disso, considerou fatores que incluem a localização: ambas estão centradas na capital de Alagoas, Maceió; o fato de serem nativos digitais e possuírem portais estruturados para armazenar seus conteúdos e, contar com a presença da temática de saúde nos seus sites.

Ademais, ressalta-se que o primeiro contato da pesquisadora com esses veículos ocorreu através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “O jornalismo independente em Alagoas na perspectiva da Economia Política da Comunicação”, orientado pelo Dr. Júlio Arantes. Durante o Pibic foi realizado um levantamento das iniciativas independentes atuantes no estado em 2022, incluindo entrevistas com os fundadores dessas mídias para entender o funcionamento dos veículos e as formas de captação de recursos.

Após a finalização da iniciação científica, devido a afinidade da pesquisadora, prevaleceu o interesse pelo estudo do conteúdo produzido por esses portais independentes, resultando nos artigos “Mídia Independente e Saúde: uma análise das reportagens do Olhos Jornalismo e Mídia Caeté”, em 2023 e “De olho nas mídias sociais: um estudo do Instagram dos veículos independentes alagoanos”, em 2024, ambos publicados nos anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

Quanto à apresentação dessas mídias, o Olhos Jornalismo se denomina como um coletivo de mídia independente em Alagoas que busca realizar coberturas relevantes e trazer temas urgentes à sociedade alagoana. Já a Mídia Caeté se descreve como uma cooperativa de jornalismo sem fins lucrativos focada em temas locais que percorram os interesses sociais e denunciam a violação de direitos humanos, utilizando informações como ferramentas para fortalecer os povos.

Vale destacar que essas mídias estão presentes para além dos portais, uma vez que elas também utilizam as mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp) para informar aos leitores através da divulgação de notícias. No entanto, esta pesquisa considerou apenas o material publicado nos sites oficiais, que são os canais mais abastecidos de informações e que armazenam as reportagens completas. A finalidade deste trabalho não é analisar propriamente os veículos, mas sim verificar as reportagens sobre saúde publicadas no ano escolhido.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre mídia independente, mídia tradicional, jornalismo científico e a relação entre mídia e saúde, especialmente no contexto brasileiro. O objetivo foi compreender o papel da mídia na divulgação de informações sobre saúde para a população. Esse levantamento bibliográfico resultou em fichamentos organizados por tópicos.

Além disso, foi conduzida uma pesquisa exploratória para entender como os veículos estavam estruturados e quais ferramentas de busca possuíam para coleta das reportagens. Constatamos que os dois portais possuíam uma ferramenta de busca no próprio site. Em seguida, iniciamos a pesquisa quantitativa e a coleta de todas as reportagens publicadas em 2022.

No site do Olhos Jornalismo, todo o conteúdo produzido fica na seção de reportagens, facilitando o processo de coleta de informações. No site da Mídia Caeté, estão disponíveis apenas as reportagens mais recentes. Sendo assim, foi preciso acessar o Instagram do veículo para ter acesso às matérias publicadas em 2022. Após essa verificação, a pesquisa no site do portal foi feita utilizando o título de cada reportagem.

Outro método utilizado no levantamento quantitativo foi a utilização das ferramentas de busca dos sites, nas quais foram inseridas palavras-chave, como saúde, doença, SUS, saúde pública, vacinação, cuidados e prevenção, para identificar as reportagens de saúde.

No total, foram coletadas 25 reportagens no portal Olhos Jornalismo e 79 na Mídia Caeté, que correspondem ao quantitativo integral de reportagens publicadas no ano de 2022 nesses veículos. Para checar esse levantamento, a pesquisadora entrou em contato com a jornalista e fundadora do Olhos Jornalismo, Géssika Costa, e com o repórter da Mídia Caeté Marcel Leite para se certificar de que esses números encontrados correspondem à totalidade de matérias divulgadas.

Todo esse material coletado foi organizado em duas planilhas no Excel, uma para cada veículo. Foram inseridas nas tabelas as principais informações de cada matéria: data de publicação, título, link da reportagem, editoria, se a reportagem aborda saúde ou não e o tipo de texto jornalístico.

As editorias podem ser definidas como subdivisões de assuntos dentro de um veículo de notícias, como política, esporte, cultura e educação. No Olhos Jornalismo, as reportagens não estão claramente vinculadas a editorias específicas e trazem apenas no final do texto algumas palavras-chave acerca do assunto abordado. Assim, a classificação temática adotada nesta pesquisa foi feita pelos autores considerando o tema predominante em cada matéria.

No site da Mídia Caeté, as matérias são agrupadas em editorias, mas não há presença da editoria de saúde. No entanto, o veículo traz em todas as reportagens a presença de chapéu, que é o termo jornalístico atribuído a palavras ou expressões usadas acima do título identificando o assunto da reportagem, o que facilitou a interpretação dos autores na categorização da temática de cada matéria.

Após a catalogação das temáticas, foram selecionadas as reportagens que apresentavam saúde como temática principal para análise, totalizando 3 matérias no Olhos Jornalismo e 10 na Mídia Caeté. Essas reportagens foram salvas em PDF e armazenadas em uma pasta no Google Drive, como forma de evitar uma possível perda de conteúdo em casos de exclusão das matérias dos sites oficiais. Com o intuito entender a abordagem da saúde pela mídia independente, optouse por realizar uma Análise de Conteúdo (AC) qualitativa nas reportagens que se enquadram na temática, seguindo os critérios definidos por Laurence Bardin. Para a autora (1977, p. 42), o termo análise de conteúdo pode ser resumido como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Stelzer, Wieira e Caletti (2021, p. 461) entendem a Análise de Conteúdo como um “sistema de técnicas empregáveis na análise de dados qualitativos. Composta de instrumentos metodológicos sutis e em constante aperfeiçoamento, aplica-se a discursos diversificados, valendo-se da inferência como hermenêutica controlada”. Dessa forma, esse tipo de análise pode ser utilizada em variadas pesquisas que visam interpretar os significados para além da percepção trivial.

De acordo com Bardin, a AC é dividida em três fases: pré-análise, exploração do material, categorização ou codificação e tratamento dos resultados, interferências e interpretações.

Na pré-análise desse estudo, foi realizada a leitura flutuante, a escolha das reportagens, uma sistematização para identificar palavras-chave, regularidades nos assuntos e como os enunciados dos textos escolhidos foram criados, além da formulação de hipóteses.

Em seguida, na fase de exploração do material, ocorreu a categorização do material. “A categorização é uma operação de classificação de elementos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos” (Bardin, 1977, p. 117).

Ao categorizar as reportagens coletadas para este estudo, foi realizado um agrupamento das características comuns entre elas, resultando em seis categorias. Para esta Análise de Conteúdo, foi utilizada a categorização semântica, que considera como critério de agrupamento os elementos semelhantes, resultando no enquadramento temático das reportagens, como, por exemplo, a categoria “Covid-19 e doenças infecciosas”, que engloba todas as matérias relacionadas a esse assunto.

Além disso, os critérios adotados para essa categorização incluem a contemplação de todas as reportagens colhidas, a definição de categorias não muito amplas e a exclusão mútua, que determina que uma categoria deve ser construída de uma forma que um mesmo elemento não possa se enquadrar em mais de uma. Sendo assim, foram estabelecidas as seguintes categorias:

1. Acesso a serviços de saúde pública: divulgação de serviços ofertados por unidades de saúde;
2. Saúde mental e bem estar: esgotamento mental e estratégias de cuidado;
3. Covid-19 e doenças infecciosas: pandemia do novo coronavírus, doenças infecciosas no geral e medidas preventivas;
4. Alimentação e o impacto na saúde: importância da nutrição adequada e a insegurança alimentar.
5. Denúncias: violações e descasos com a saúde e a população;
6. Desafios na saúde e política: salários atrasados, gestão de unidades de saúde e veto do Bolsonaro.

Como última etapa da AC, foi executada a análise de cada matéria de forma individual, ao mesmo tempo em que foram relacionadas entre si para uma análise geral, visando, através das comparações, identificar características para definir a saúde apresentada por esses portais independentes.

Nessa fase, considerou-se a observação das reportagens nos sites oficiais para uma visualização completa de todos os elementos que compõem a publicação. Em relação às características textuais, foram analisados: chapéu, título, subtítulo, lead, entidades de saúde

citadas, falas dos entrevistados, presença de fontes variadas, hiperlinks e a finalização da reportagem. Entre os aspectos visuais, foram observados: imagem da capa, fotos, gráficos, infográficos, vídeos e a disposição das cores nos elementos textuais.

Como critérios para verificar a lógica contra-hegemônica no conteúdo, foram utilizadas as definições de pesquisadores de mídia independente, como Patrício e Batista (2020), que destacam que a autonomia do jornalismo independente vai além das questões de financiamento, uma vez que ele possui um compromisso social com os cidadãos.

É pertinente mencionar que cada etapa do trabalho foi descrita no diário de bordo da pesquisadora, que consistiu em um relatório no Google Docs constando o passo a passo das atividades realizadas durante todo o andamento da pesquisa. Também foi adicionado o resumo de cada reunião semanal com o orientador Dr. Marcelo Robalinho, trazendo os tópicos discutidos, as sugestões de leituras para fichamentos, as definições das próximas entregas e esclarecimentos de dúvidas.

Essa ferramenta de organização adotada no trabalho facilitou a realização de cada etapa, à medida que foi possível verificar esses registros para cumprir as metas estabelecidas, refletir sobre a execução de cada processo da pesquisa e estruturar o trabalho final.

Nesse sentido, este estudo, baseado em variados conceitos, busca traçar um panorama acerca das reportagens de saúde veiculadas por duas mídias independentes de Alagoas. O objetivo é entender as particularidades desse conteúdo e, ao mesmo tempo, destacar um tipo de jornalismo alternativo à mídia tradicional que amplifica temáticas sociais.

5 – ANALISANDO A COBERTURA DE SAÚDE

Como mencionado anteriormente, para este trabalho, foram selecionados dois veículos independentes e digitais, que trabalham com variadas editorias, nesse sentido, não se tratam de portais especializados em jornalismo em saúde.

Essa escolha proposital tem como objetivo revelar o espaço dado ao jornalismo em saúde entre as reportagens veiculadas nos portais e como é realizada essa cobertura. Conforme explicam Gonçalves, Santos e Renó (2015, p. 224), a reportagem “é produto de um processo de seleção contínuo – seleção que começa pela temática, pelas fontes de informação, pela seleção lexical e também pelo estilo de narrativa mais apropriada para a abordagem proposta”.

Os autores ainda acrescentam que essa seleção é marcada pela subjetividade do jornalista, desde a escolha da pauta até o tom utilizado para relatar os fatos. Segundo Fabiana Moraes (2019), o jornalismo de subjetividade é fundamental para ampliar os espaços de representações de grupos historicamente sufocados pela mídia, sendo um importante aliado para um jornalismo mais íntegro e integral.

Trazendo para a mídia independente, que possui uma maior liberdade editorial, essa subjetividade do jornalista fica ainda mais marcada, pois não há barreiras externas que interfiram na abordagem dos assuntos. Nesse contexto, jornalistas independentes, além de explorarem assuntos que consideram negligenciados pela grande mídia, costumam trazer suas perspectivas e experiências nas matérias, considerando a estrutura social vigente. Sendo assim, eles abrem um maior espaço para pautas envolvendo negritude, movimentos sociais, mulheres, periferia, LGBTQIAPN+, pessoa com deficiência (PcD), entre outros.

Moraes (2019) complementa afirmando que essa subjetividade no jornalismo não deve ser interpretada como uma perda do rigor jornalístico, e que questões urgentes que não são visibilizadas podem ser trabalhadas a partir de um viés ativista sem acarretar prejuízos para um bom jornalismo.

Diante disso, essa análise busca apresentar primeiramente um mapeamento quantitativo para explicar qual é o lugar ocupado pela saúde nos portais independentes Olhos Jornalismo e Mídia Caeté e, por último, realizar uma avaliação do conteúdo das reportagens classificadas com a temática principal em saúde, com uso do aporte da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977) para também averiguar as semelhanças e diferenças nas matérias publicadas por esses dois veículos alagoanos.

5.1 - Reflexões sobre o lugar da saúde entre as principais temáticas abordadas nos portais independentes

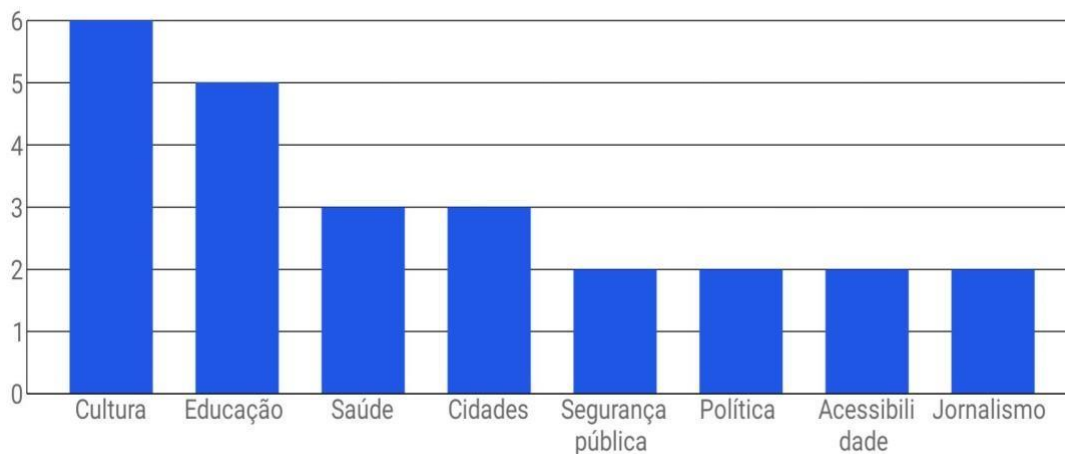
O levantamento de dados quantitativo buscou, através de técnicas estatísticas, coletar os dados numéricos de todo o conteúdo jornalístico publicado em 2022 pelos portais Olhos Jornalismo e Mídia Caeté. Nesta etapa foram coletados 25 textos do Olhos Jornalismo abordando variadas temáticas, sendo que três destes possui a saúde como enfoque principal, já na Mídia Caeté foram colhidas 79 matérias, com um total de dez pautando principalmente a saúde.

Na apuração dos textos do site Olhos Jornalismo, foram encontradas 24 reportagens e um editorial publicados ao longo do ano, sendo de diferentes temáticas. Os autores desse estudo classificaram esse material coletado em oito temáticas, considerando o principal assunto apresentado, resultando nas seguintes: cultura, educação, saúde, cidades, segurança pública, política, acessibilidade e jornalismo.

A temática de cultura apresenta o maior número de textos, com um total de seis produções, ou 24%. Todas essas matérias têm como enfoque personagens alagoanos que lutam para preservar a cultura e artistas locais que estão ganhando destaque no cenário cultural. Educação aparece em segundo lugar, com cinco reportagens, destacando ações educativas e problemas que estão impactando o ensino dos estudantes de Alagoas.

As temáticas de saúde e cidades se encontram empatadas no quantitativo de textos, ambas com três produções, ocupando o terceiro lugar. Saúde aborda os problemas que afetam a qualidade de vida e políticas públicas envolvidas da saúde. Enquanto cidades traz visibilidade para as consequências do impacto dos fenômenos ambientais e do descaso dos governantes com a cidade e os habitantes.

Segurança pública traz apenas duas reportagens e expõe os casos de violência no estado. Política, acessibilidade e jornalismo também trazem dois textos cada, mas possuem como diferencial um conteúdo que pauta para além de Alagoas, abrangendo o cenário nacional. Relacionado à política foi publicado um editorial favorável ao candidato Lula para presidência da República e uma reportagem sobre mulheres negras que estão lutando para serem eleitas deputadas por Alagoas. A temática de acessibilidade traz reportagens especiais sobre os desafios das pessoas com deficiência visual e jornalismo divulga projetos jornalísticos que o Olhos Jornalismo contribui juntamente com outros veículos independentes.



Fonte: Autora (2024)

Esses dados revelam a diversidade de temas abordados pelo Olhos Jornalismo ao longo do ano, oferecendo uma cobertura jornalística ampliada. Também foi possível constatar a presença majoritária de conteúdos sobre Alagoas, estado sede do veículo, com um total de 19 matérias, que representa 76% do conteúdo veiculado em 2022.

Dessa maneira, predominantemente essa mídia alagoana prioriza o recorte regional, perpassando por variadas temáticas para trazer visibilidade aos assuntos locais. Os demais textos, que calculam 24%, abordam assuntos nacionais e não há nenhuma reportagem de tema internacional.

No portal Olhos Jornalismo a saúde ocupou o terceiro lugar no quantitativo de textos publicados em 2022, com 12% das reportagens. Com a abordagem principal em saúde, mais precisamente foram lançadas três matérias: “O que há por trás do único bairro em Maceió a não registrar mortes por Covid”; veiculada em 3 de março; “Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas”, em 14 de março; e “Campeão” de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL?”, em 11 de novembro. Essa proeminência do veículo para assuntos com enfoque Alagoas fica ainda mais notória nas reportagens em saúde que apresenta 100% desse recorte local.

Na coleta realizada no portal da Mídia Caeté, foram encontrados 79 textos, dispostos nos seguintes formatos: 73 reportagens, cinco artigos e um editorial sobre os três anos de existência do veículo. Assim como no Olhos Jornalismo, também há presença de uma variedade de editorias na Mídia Caeté. Conforme a visão dos autores, especificamente foram detectadas 13 temáticas: cultura, comunidades, saúde, política, cidades, segurança pública, educação, jornalismo, mundo do trabalho, acessibilidade, economia, esporte e justiça.

A editoria de cultura também lidera o *ranking* do quantitativo de textos, com 18 ou 22,78%. A explicação para esse primeiro lugar considera o quadro Fuzuê Cultural, que é o carro-chefe de notícias do veículo e traz a divulgação de eventos, festivais e shows; revela a abertura de espaços culturais e exhibe o trabalho de alagoanos ligados à cultura.

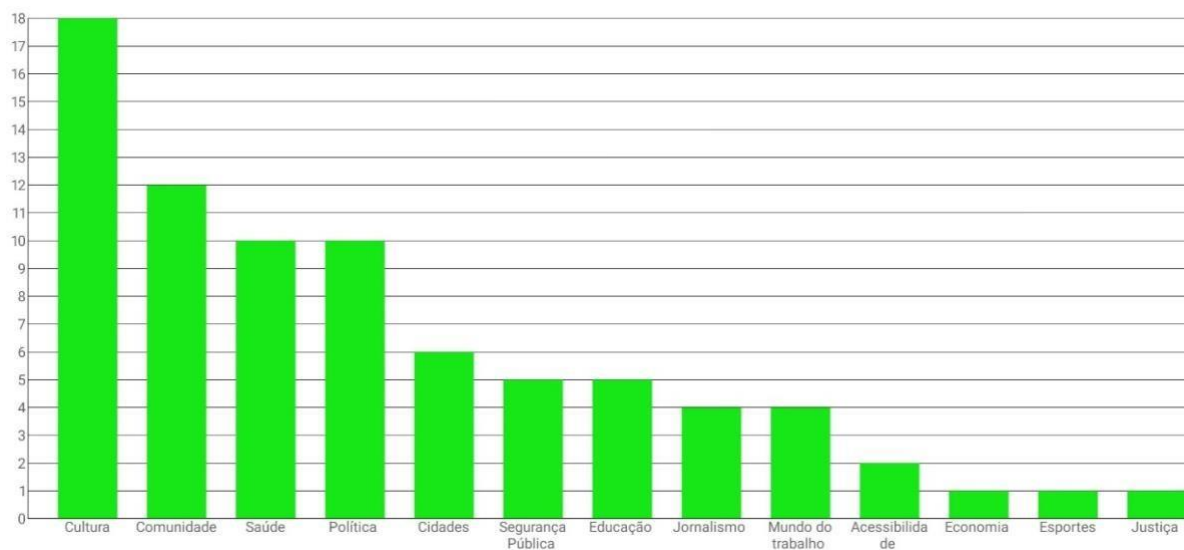
Em seguida, aparece a editoria de comunidades, com 12 matérias. O seu foco é contar histórias de grupos sociais e culturais de comunidades específicas como LGBTQIAPN+ e indígenas, abrangendo ações, problemas e lutas desse público. O terceiro lugar em quantitativo de matérias fica com política e saúde, cada um com 10 textos. Saúde apresenta informações sobre doenças, denúncias, promoção do bem estar e falta de recursos nos espaços públicos de cuidado. E política atualiza a população sobre o que está sendo discutido na Câmara de Vereadores de Maceió e no Congresso, principalmente por políticos de direita, cujas ações impactam negativamente a população.

Cidades apresenta seis reportagens e, diferentemente da seção comunidades, que aborda questões com grupos sociais locais, esta editoria trata questões urbanas de infraestrutura e acontecimentos que afetam a cidade, como desastres naturais. Segurança pública e educação também empatam, com cinco matérias cada. Segurança pública retrata a violência no contexto urbano e a falta de ação das forças policiais ao protesto dos eleitores do Bolsonaro. A educação aborda desde a lei de cotas até os impactos dos cortes do governo Bolsonaro na área.

A temática de jornalismo, que divulga projetos jornalísticos com a participação da Mídia Caeté, e a temática do mundo do trabalho, que aborda questões trabalhistas, contabilizam quatro reportagens cada. Acessibilidade tem duas reportagens especiais, que são as mesmas divulgadas pelo Olhos Jornalismo, e pautam a deficiência visual.

Economia traz apenas um texto referindo-se a desigualdade social. Esporte apresenta uma reportagem sobre a contratação de uma jogadora de futebol pelo Barcelona. Na temática de justiça, há uma matéria sobre a decisão de um julgamento de um caso violento de racismo com grande repercussão em Maceió.

Gráfico 2: Classificação das temáticas das reportagens de 2022 da Mídia Caeté



Fonte: Autora (2024)

A editoria de saúde aparece em terceira colocação, com 12,66% do conteúdo veiculado no portal Mídia Caeté. Entre os assuntos presentes nas dez reportagens, destacam-se: aumento de doenças, alerta de especialistas, denúncias e divulgação de serviços de saúde. Na tabela abaixo estão dispostas as reportagens coletadas que trazem a saúde como pauta principal.

Quadro 1 - Reportagens sobre saúde da Mídia Caeté por título e data de divulgação

Manchete da matéria	Data de publicação
Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL	11/01/2022
Síndrome de Burnout ganha força, preocupa especialistas e traz prejuízos severos para a saúde mental	19/01/2022
Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de 'emendas parlamentares', segundo sindicato	06/02/2022
Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal	25/02/2022
Especialistas alertam para riscos e enxergam com desconfiança a flexibilização do uso de máscaras	15/03/2022

Secretaria de Saúde de Maceió abre edital para repassar gestão das unidades básicas a empresas; entidades avaliam como forma de privatizar o atendimento	29/03/2022
O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem	26/05/2022
Família denuncia pioras irreversíveis em saúde de idosa por negligências em hospitais do Estado	23/08/2022
Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal	26/08/2022
Especialistas alertam para alto risco de retorno da Poliomielite; AL segue tendência nacional com imunização abaixo do recomendado	21/09/2022

Fonte: Autora (2024)

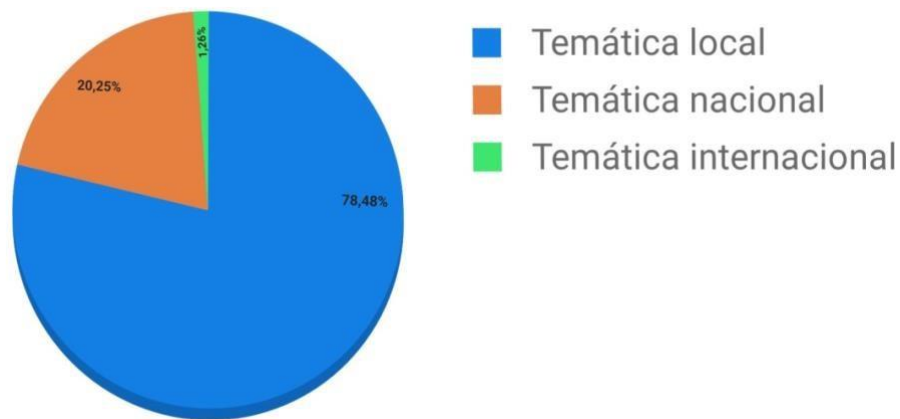
Dessas matérias sobre saúde, verificou-se que sete trazem como enfoque discussões pertinentes para Alagoas e apenas três abordam questões nacionais envolvendo a covid-10, saúde mental e o veto do presidente Jair Bolsonaro a uma homenagem para a psiquiatra maceioense Nise da Silveira, internacionalmente conhecida por sua contribuição à psiquiatria e ao tratamento dos pacientes com transtornos mentais através da arte-terapia. Representando uma porcentagem de 70%, os assuntos regionais predominam no jornalismo em saúde da Mídia Caeté.

Esse enfoque regional está presente em todas as editorias dessa mídia, uma vez que os dados gerais recolhidos mostram que 62 textos, ou 78,48% de todo o conteúdo publicado em 2022 pautam Alagoas. Apenas 20,25%, ou 16 textos, apresentam um cenário para além de Alagoas, abarcando o Nordeste e Brasil, sendo que majoritariamente são artigos ou reportagens sobre política, jornalismo e educação.

Ademais, é preciso destacar que, durante o ano, só foi veiculada uma reportagem que traz uma pauta internacional, cujo título é “Artilheira do Campeonato Espanhol, atacante alagoana Geyse é contratada pelo Barcelona”, mas que, apesar de destacar uma notícia mundial,

a personagem principal é natural do estado em que o veículo está localizado. Portanto, acreditamos que a Mídia Caeté não prioriza trabalhar propriamente com notícias internacionais, pois o seu objetivo é trazer visibilidade para assuntos locais, conforme destaca em sua apresentação no site.

Gráfico 3 - Categorização das reportagens da Mídia Caeté por temática local, nacional e internacional.



Fonte: Autora (2024)

Acerca do lugar da saúde nesses portais de mídia independente analisados, cabe ressaltar o seu destaque. Em ambos os veículos, ele ocupa o terceiro lugar, com 12% no quantitativo de matérias publicadas no ano de 2022. Essa posição indica que, considerando a variedade de temáticas apresentadas pela Mídia Caeté (13) e pelo Olhos Jornalismo (8), o jornalismo em saúde tem um espaço consolidado nos portais, ultrapassando editorias como segurança pública, economia e esportes.

Outro número que merece destaque é a diferença do número de textos veiculados por cada mídia. No Olhos Jornalismo, foram lançados três; e na Mídia Caeté, dez. Essa discrepância considera o cenário geral de cada veículo, uma vez que a Mídia Caeté possui mais do triplo de reportagens publicadas no mesmo período de tempo que o Olhos Jornalismo.

Além disso, a ênfase para assuntos locais são uma marca registrada dos dois veículos independentes, com quase 80% das reportagens. Esse dado revela que os portais trazem um conteúdo mais regional para gerar proximidade com a comunidade que eles buscam dar voz.

Essa cobertura de questões locais traz como vantagem a amenização do deserto de notícias de determinadas regiões e mantém os cidadãos informados sobre decisões que afetam as suas vidas, mas que não são pautadas pela mídia tradicional. Nesse sentido, o Olhos Jornalismo e a Mídia Caeté podem ser vistos como uma importante fonte de informação para a população alagoana.

5.1.1 – Um olhar para a cobertura transversal da saúde nos veículos alagoanos

Dos 25 textos publicados em 2022 pelo Olhos Jornalismo, além das três reportagens que trazem saúde como assunto principal, foram veiculadas outras três que trazem a temática como pauta secundária. São elas: “Déficit de intérprete de Libras dificulta acesso ao ensino de alunos surdos na Ufal”, reportagem da temática de educação, publicada em 6 de junho; “A deficiência visual e o desafio da acessibilidade no mundo real”, em 24 de agosto; e “Autonomia da mulher cega: uma dura conquista”, também em 24 de agosto, sendo estas duas últimas enquadradas na temática de acessibilidade.

Essas três reportagens destacam os problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência auditiva e visual, desde o ambiente educacional até os outros espaços sociais. Elas abordam os desafios de PcDs na sociedade e as soluções para inclusão, dessa maneira, a saúde é abordada como uma pauta secundária e está presente dentro de um contexto mais amplo de acessibilidade.

Na Mídia Caeté, além das dez reportagens que tratam diretamente sobre saúde, foram encontradas seis reportagens que pautam a temática de forma transversal. Segue o quadro com as matérias:

Quadro 2 - Reportagens que pautam a saúde de forma transversal na Mídia Caeté em 2022

Título da reportagem	Data de veiculação	Principal temática
Feira Agroecológica em Novo Jardim traz variedade de alimentos, cultura e saúde	14 de janeiro de 2022	Cultura
A deficiência visual e o desafio da acessibilidade no mundo real	24 de agosto de 2022	Acessibilidade
Autonomia da mulher cega: uma dura conquista	24 de agosto de 2022	Acessibilidade
Barriga seca não dá sono: quase 60% da população alagoana enfrenta insegurança alimentar moderada ou grave	15 de setembro de 2022	Economia
Feira Agroecológica Novo Jardim reúne	7 de outubro de 2022	Cultura

festival cultural e alimento saudável da agricultura familiar na parte alta de Maceió		
Feira Agroecológica Novo Jardim realiza última edição de 2022 na Praça da Faculdade	9 de dezembro de 2022	Cultura

Fonte: Autora (2024)

As duas reportagens sobre acessibilidade são as mesmas veiculadas no Olhos Jornalismo. Ambas foram disponibilizadas no mesmo dia nos portais e se tratam de um projeto colaborativo com mídias independentes do Nordeste, que traz visibilidade para a deficiência visual.

A matéria de economia “Barriga seca não dá sono: quase 60% da população alagoana enfrenta insegurança alimentar moderada ou grave”, aborda a saúde ao destacar os impactos da falta de comida na saúde das pessoas.

Por último, as três reportagens sobre cultura, respectivamente: “Feira Agroecológica em Novo Jardim traz variedade de alimentos, cultura e saúde”, “Feira Agroecológica Novo Jardim reúne festival cultural e alimento saudável da agricultura familiar na parte alta de Maceió” e “Feira Agroecológica Novo Jardim realiza última edição de 2022 na Praça da Faculdade”, divulgam feiras de alimentos sem agrotóxicos que contam como uma programação cultural. Nessas reportagens, a saúde está presente na promoção de uma alimentação mais saudável, produzida através da agricultura familiar e na defesa do cuidado com a saúde e adoção de um estilo de vida saudável.

Fica notório que, mesmo a saúde não sendo o principal assunto dessas reportagens apresentadas, está temática perpassa de forma transversal em todos esses textos. Devido à saúde ser multifacetada e afetar vários aspectos da vida humana, sua presença mesmo de forma acentuada pode ser constatada em variadas editorias, como foi detectada em acessibilidade, economia, educação e cultura nos portais analisados.

Considerando essas reportagens que abordam a temática de forma transversal, no Olhos Jornalismo a saúde aparece em 24% do conteúdo publicado em 2022 e na Mídia Caeté em aproximadamente 20% dos textos divulgados. Portanto, constata-se que a saúde tem um papel considerável nessas mídias independentes. Mesmo quando não é o foco principal da matéria,

ela é abordada visando promover o bem-estar, trazer visibilidade para questões de saúde pública e educar o leitor sobre temas sensíveis ligados a problemas de saúde.

5.2 – Desvendando a saúde pela ótica da independência

Após a seleção das matérias com a principal temática em saúde no Portal Olhos Jornalismo e Mídia Caeté, foi realizada uma categorização semântica, que agrupou as reportagens em categorias. Essa etapa é denominada exploração do material, sendo apontada como a segunda fase da Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Considerando as características semelhantes das 13 matérias selecionadas, foram criadas seis categorias: covid-19 e doenças infecciosas que ocupa o primeiro lugar com quatro textos; desafios na saúde e política, em segundo lugar com três textos; denúncias e acesso a serviços de saúde pública que dividem o terceiro lugar com dois textos cada; e, em último lugar, empatadas com apenas um texto, as categorias saúde mental e bem-estar, e alimentação e o impacto na saúde. Abaixo segue a categorização de cada reportagem de saúde (**Quadro 3**).

Quadro 3 – Classificação das reportagens de saúde por categorias

Título da reportagem	Portal publicado	Categoria
O que há por trás do único bairro em Maceió a não registrar mortes por Covid	Olhos Jornalismo	Covid-19 e doenças infecciosas
Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas	Olhos Jornalismo	Acesso a serviços de saúde pública
‘Campeão’ de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL?	Olhos Jornalismo	Alimentação e o impacto na saúde
Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL	Mídia Caeté	Covid-19 e doenças infecciosas

Síndrome de Burnout ganha força, preocupa especialistas e traz prejuízos severos para a saúde mental	Mídia Caeté	Saúde mental e bem estar
Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de 'emendas parlamentares', segundo sindicato	Mídia Caeté	Desafios na saúde e política
Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal	Mídia Caeté	Acesso a serviços de saúde pública
Especialistas alertam para riscos e enxergam com desconfiança a flexibilização do uso de máscaras	Mídia Caeté	Covid-19 e doenças infecciosas
Secretaria de Saúde de Maceió abre edital para repassar gestão das unidades básicas a empresas; entidades avaliam como forma de privatizar o atendimento	Mídia Caeté	Desafios na saúde e política
O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem	Mídia Caeté	Desafios na saúde e política
Família denuncia pioras irreversíveis em saúde de idosa por negligências em hospitais do Estado	Mídia Caeté	Denúncias
Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal	Mídia Caeté	Denúncias
Especialistas alertam para alto risco de retorno da Poliomielite; AL segue tendência nacional com imunização abaixo do recomendado	Mídia Caeté	Covid-19 e doenças infecciosas

Fonte: Autora (2024)

Em todos os 13 textos analisados, foi possível verificar que nenhum deles apresenta anúncios nas páginas em que as matérias aparecem, diferentemente da mídia tradicional que traz a divulgação de vários anúncios de produtos e serviços em uma única reportagem. Como esses veículos independentes alagoanos não trabalham com anunciantes para não haver interferência no conteúdo, isso garante uma leitura agradável e com maior fluidez. Proporciona ao leitor também focar apenas no assunto abordado, sem se distrair por interrupções.

Ambos os portais exploram as ferramentas multimídias proporcionadas pelo ambiente digital, incorporando vários *hiperlinks* em suas reportagens. O *hiperlink* é um recurso destacado em documentos eletrônicos que permite ao usuário acessar outras informações de forma fácil. De acordo com Ferreira (2016), os *hiperlinks* funcionam como um convite para que o leitor interaja com o texto e ampliam a cobertura do tema através de conexões de dados do próprio veículo ou de externos. Dessa maneira, os *hiperlinks* conectam determinada parte de um texto a outra página com mais informações, proporcionando ao leitor acessar de forma simples vários conteúdos que foram selecionados pelo autor.

Pertele *et al.* (2021) ressaltam que esses *hiperlinks* fornecem uma trilha de informações relacionadas, repletas de intencionalidades. No jornalismo digital, os *hiperlinks* são frequentemente utilizados com a função de enriquecer o conteúdo e aumentar a credibilidade, pois levam o leitor a explorar outros tópicos relacionados ao assunto e a verificar a fonte original da questão mencionada.

Uma característica que chama atenção é que esses atalhos, nas reportagens analisadas, majoritariamente levam para matérias de outros veículos, que trazem mais informações sobre os apontamentos feitos pelos repórteres dessas mídias alagoanas. Essa atitude pode ser entendida como uma demonstração de que compromisso com a informação está acima dos interesses comerciais, explicitando que o principal objetivo é manter o leitor informado sobre tudo que envolve o assunto. Um exemplo pode ser visto na **Figura 6** abaixo:

Figura 6 - Trecho da reportagem ‘Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL’ – Mídia Caeté, 11 jan. 2024

O Brasil está vivendo uma nova onda de infecções por doenças respiratórias, seja Covid-19 ou mesmo Influenza (H1N1/H2N3), o que tem superlotado unidades de pronto atendimento e reiterado a manutenção das medidas preventivas.

Segundo levantamento da plataforma online *Our World in Data*, vinculada à Universidade de Oxford (Reino Unido), a nova variante do Coronavírus (Ômicron) já está bastante disseminada no Brasil, sendo responsável por 58,33% dos casos de Covid-19 sequenciados. A *Our World in Data* é uma referência na publicação de informações sobre a pandemia.

Fonte: site Mídia Caeté (2022).

Das três reportagens de saúde do Olhos Jornalismo, todas contam com *hiperlinks*, totalizando nove atalhos. Das dez reportagens da Mídia Caeté, cinco possuem *hiperlinks*, contabilizando 25 ao todo. Esses números mostram que a maioria das reportagens traz essa ferramenta de interatividade para deixar o leitor ainda mais informado.

Desses nove *hiperlinks* do Olhos Jornalismo, apenas um leva a uma matéria do próprio veículo, que está presente na reportagem “Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas”, publicada em 14 de março de 2022 e direciona para o texto “A via crúcis para conseguir a pílula do dia seguinte em Maceió”, de 17 de março de 2020. Cabe frisar que esse atalho não se encontra diretamente em um trecho da matéria, e, sim, como uma sugestão de leitura após o segundo parágrafo. Já na Mídia Caeté, todos os 25 *hiperlinks* direcionam para sites e arquivos externos.

Marli dos Santos (2020) destaca que não existem critérios para o posicionamento, quantidade e linguagem de *hiperlinks* que são dispostos em um texto. No entanto, Canavilhas (2014) propõe algumas regras, que segundo o autor podem ser definidas como uma gramática hipertextual, para aplicação desses *hiperlinks* de forma efetiva: a primeira regra é a distribuição equilibrada de *hiperlinks* ao longo do texto; a segunda regra consiste na indicação do conteúdo do *hiperlink*, a terceira é o uso do *hiperlink* em um local apropriado do texto; e a quarta estabelece que a palavra do *hiperlink* seja relacionada ao conteúdo do texto da outra página.

Com a observação desses *hiperlinks* dispostos nas reportagens analisadas, conclui-se que um total de 100% na Mídia Caeté e 89% no Olhos Jornalismo de *hiperlinks* conduzem o leitor para páginas de veículos tradicionais e arquivos de institutos de pesquisa, revelando que

esses veículos independentes buscam garantir um jornalismo plural e aprofundado (Santos, 2020), ao trazer um expressivo número de matérias informativas de outras fontes. Dessa forma, o uso de *hiperlinks* por esses portais não visa replicar os conteúdos que já saíram no próprio veículo, mas permitir que o leitor tenha acesso a uma diversidade de informações para compreender o tema abordado e mostrar através dessa exposição das fontes originais, a veracidade das informações e do trabalho de pesquisa do jornalista.

Em relação à estrutura textual, foi possível verificar que, majoritariamente, os repórteres adotaram a técnica de pirâmide deitada, um formato proporcionado pelo jornalismo digital para tornar o texto mais atrativo, pois não expõe de início todas as informações principais, o que gera interesse no leitor para ler a reportagem até o final.

João Canavilhas (2010, p. 7) destaca que o *online*, diferente dos meios físicos, traz um espaço infinito para o jornalista escrever e pode ser organizado em camadas de informação. “Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia”.

Para o autor, informações com uma hierarquia de ordem de importância não funciona no *online*, dessa forma, ele propõe quatro níveis de leitura para a notícia da web: unidade base, com um resumo do acontecimento; explicação, que complementa a informação sobre o acontecimento; contextualização, com mais informações sobre cada um dos aspectos essenciais da notícia; e exploração, que estabelece ligações com outras informações existentes em arquivos ou sites externos.

Um exemplo dessa aplicação dos níveis de leitura pode ser observado na reportagem da Mídia Caeté “Especialistas alertam para riscos e enxergam com desconfiança a flexibilização do uso de máscaras”, veiculada em 15 de março. Essa reportagem resume o acontecimento ao explicar as medidas de flexibilização dos governos em relação ao uso da máscara e apontar que os especialistas encaram essa medida com precipitada. Traz a explicação ao relembrar a importância da máscara para diminuir os riscos de contaminação por covid-19 e como está ocorrendo a flexibilização em vários locais do país; contextualiza o assunto ao trazer subcapítulos com a opinião de importantes entidades de saúde sobre o fim do uso da máscara; e a exploração é observada nos *hiperlinks* ao longo do texto que direcionam a pesquisas sobre a importância do uso de máscaras, anúncios dos governantes nas redes sociais e boletins emitidos pela Fiocruz e Associação Médica Brasileira.

Também se nota que o principal estilo narrativo adotado pelos repórteres é o interpretativo. Dessa maneira, as reportagens de saúde do Olhos Jornalismo e da Mídia Caeté são construídas através da contextualização dos fatos, com uso de dados e depoimentos de profissionais da saúde e de pacientes, objetivando informar com criticidade os leitores para que eles interpretem as informações.

A utilização de frases que mostram a opinião dos jornalistas sobre o assunto foi constatada apenas em quatro reportagens que trazem temáticas polêmicas e que ainda são tabus, sendo uma no Olhos Jornalismo e três na Mídia Caeté: “Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas”, do Olhos Jornalismo; “Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal”, da Mídia Caeté; “Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal”, da Mídia Caeté; e “O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem”, da Mídia Caeté.

Nas três primeiras matérias destacadas anteriormente, as impressões dos jornalistas aparecem de forma robusta somente em uma frase do texto. O uso marcante de opiniões explícitas fica notório na reportagem “O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem”, escrita pela jornalista Wanessa Oliveira, que possui pós-graduação em jornalismo político e mestrado em sociologia. Na matéria veiculada em 26 de março, é abordado o veto do ex-presidente da República Jair Bolsonaro à inclusão do nome da psiquiatra no “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria” e traz uma breve apresentação da trajetória de Nise da Silveira. Em vários trechos, a repórter insere as suas percepções sobre essa atitude de Jair Bolsonaro, como pode ser constatado nesse último parágrafo (**Figura 7**).

Figura 7 - Trecho final da reportagem ‘O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem’ – Mídia Caeté, 26 mai. 2024

Se depender de repercussão pública, a pauta que – já havia sido aprovada em Senado e Câmara-, agora retorna ao Senado derrubando o veto de Bolsonaro, e dando a Nise o que é de Nise: seu lugar de heroína também neste registro perpétuo. Se ainda assim não vingar, não faltarão homenagens e reconhecimentos que perdurarão e já demarcam seu nome na história do país no que diz respeito à saúde mental. E, afinal de contas, ter sido renegada por um sujeito que homenageia torturadores pode ser considerado também, à memória de uma heroína, um grande elogio.

Fonte: Mídia Caeté (2022)

O gênero que permite o uso da opinião do autor é o jornalismo opinativo, frequentemente encontrado em editorial, artigos, colunas e crônicas. Para Silva (2003), o exercício de opinião no jornalismo é fundamental para o leitor e sociedade, mas precisa ser expressa dentro de duas premissas: uma postura ética e democrática e com base argumentativa sólida e ampla. Segundo o autor, esta segunda premissa é para o jornalismo opinativo assim como tijolos e cimento para um construtor. Dessa maneira, o jornalista que expõe sua opinião deve expressá-la de forma ética e ter um conhecimento vasto em diversas áreas.

Ao “construir” a opinião, conforme as necessidades e intenções do opinador, têm-se em comum, independente do gênero, a necessidade de buscar uma base de apoio. Sem essa base, por vezes utilizada até de forma inconsciente, o jornalista não teria ponto de partida em seu trabalho de “erguer” uma argumentação. (Silva, 2003, p. 100)

Apesar dessas impressões pessoais dos jornalistas aparecem de forma moderada, identifica-se a liberdade dada pelos veículos para que esses profissionais adotem uma abordagem subjetiva em seus textos. Essa autonomia dos veículos independentes permite que os temas de saúde sejam tratados de maneira crítica, apresentando as questões sociais por trás do problema, com o cuidado para não comprometer a credibilidade do portal.

Com relação aos personagens, as matérias trazem os relatos de variadas fontes, mais precisamente são expostos 34 depoimentos nas reportagens analisadas, com uma média de aproximadamente dois por matéria. Na Mídia Caeté foram contabilizadas 28 menções, sendo: 17 especialistas da saúde, 4 cidadãos, 4 autoridades políticas, 2 especialistas do direito e 1 jornalista da Veja. Enquanto no Olhos Jornalismo foram citados os depoimentos de: 2 especialistas da saúde, 3 cidadãos e 1 especialista do direito.

Esses dados apontam que os especialistas de saúde, que incluem médicos, enfermeiros, psicólogos e pesquisadores, foram as fontes mais citadas nas reportagens de saúde da Mídia

Caeté e os segundos mais mencionados no Olhos Jornalismo. Essa valorização dos profissionais de saúde pode ser explicada pela importância do relato e opinião de especialistas sobre assuntos do seu domínio. Eles também ajudam no esclarecimento de dados complexos e passam confiabilidade ao leitor.

Miranda (2017, p. 5) destaca que esse amparo em fontes técnicas da saúde é uma característica do jornalismo especializado em saúde, em virtude de o saber técnico dos entrevistados ser entendido como verdade. “Os entrevistados são profissionais validados por conselhos profissionais, que emprestam seu conhecimento ao jornalista para que este apresente ao seu público-alvo”.

Além de consultar especialistas para explicar temáticas relacionadas à saúde, essas mídias independentes se colocam à disposição para relatar problemas enfrentados pelos profissionais da saúde. Um exemplo disso é a reportagem ‘Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de ‘emendas parlamentares’, segundo sindicato’, publicada em 6 de fevereiro, que expõe uma greve dos funcionários do Hospital Sanatório de Maceió, devido à falta de pagamentos dos salários. Essa reportagem da Mídia Caeté dá voz aos trabalhadores e ao sindicato da categoria para que eles relatem as questões trabalhistas e tragam mais visibilidade à sua luta em busca do cumprimento dos seus direitos.

O jornalismo independente tem o propósito de dar espaço para que os trabalhadores narrem os acontecimentos que os afetam e evidenciem as lutas sindicais, sendo um importante local de fala para esses grupos que raramente são ouvidos de forma expressiva na mídia tradicional. Ou seja, essas mídias buscam realizar uma cobertura que reflete os interesses do público, abrangendo suas diversidades e problemas. Por não estarem atrelados aos interesses corporativos, as questões de justiça social envolvendo trabalhadores são pautadas com clareza dos fatos e criticidade.

Em entrevista para o portal Cacau da UniBH, a jornalista Joana Suarez (2022), criadora da revista independente AzMina, destacou que “o interesse e disponibilidade em ouvir e dar espaço para histórias, contextos e personagens distintos, é o que faz com que o jornalismo independente seja diferente do tradicional. (Cacau da UniBH, 2022 [on-line]). Abaixo segue trechos da reportagem da Mídia Caeté que traz o relato dos trabalhadores sobre a inadimplência do hospital que trabalham (**Figura 8**).

Figura 8 - Trechos da reportagem ‘Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de ‘emendas parlamentares’, segundo sindicato’ – Mídia Caeté, 6 de fevereiro

De acordo com informações de trabalhadores, a direção do hospital anunciou às entidades sindicais a intenção de pagar o restante de um valor referente ao mês de novembro, de até R\$ 2460. Entretanto, diante do desfalque financeiro de todos esses meses, os trabalhadores exigem o pagamento do montante atrasado: pelo menos, dois meses de salários atrasados e as férias.

A direção alegou ainda, segundo informações de funcionários, que os salários atrasados até janeiro só poderão ser pagos após liberação de “duas emendas parlamentares”, e que ainda assim atingirá 70% dos trabalhadores – ou seja, mais 30% ainda ficarão de fora.

Fonte: Mídia Caeté (2022)

Sobre os personagens e falas utilizadas nas reportagens dos veículos, foi possível observar que o Olhos Jornalismo utilizou somente fontes consultadas diretamente por eles. Em contrapartida, a Mídia Caeté traz o relato de políticos, profissionais e entidades de saúde que foram veiculados em outras mídias.

Ao utilizar essas falas divulgadas por outros portais, a Mídia Caeté apresenta o nome do profissional entrevistado, o nome do veículo em que foi dada a declaração com um *hiperlink* para a matéria original e a fala entre aspas. Esse uso de citações de outras mídias foi constatado nas reportagens: “O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem”, de 26 de maio; “Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal”, de 26 de agosto; e “Especialistas alertam para riscos e enxergam com desconfiança a flexibilização do uso de máscaras”, de 15 de março.

Essa utilização de trechos de entrevistas de profissionais cedidas para outros veículos jornalísticos não é inédita. Sendo responsável por enriquecer a reportagem, essa prática proporciona que o texto tenha uma variedade de personagens. Estrategicamente, a Mídia Caeté usa esse método com ética jornalística, como mencionado anteriormente, em todas essas citações externas são atribuídos os direitos autorais e disponibilizado o *link* para que o leitor verifique a fonte original.

O ato de trazer uma citação de outro veículo e não especificar a fonte original é considerado plágio. Apesar de não haver nenhuma menção específica a essa prática no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o artigo 4º esclarece que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua divulgação”. Dessa forma, caso um jornalista opte por esconder que

o depoimento de seu texto foi retirado de outro veículo de comunicação, além de estar comento plágio, ele falta com a verdade e fere o artigo 4º do código de ética da profissão.

Essa apuração secundária costuma ser frequentemente utilizada para facilitar o trabalho do jornalista ao utilizar depoimentos relevantes ao assunto da matéria, publicados por outros veículos. Na Mídia Caeté, as citações extraídas de outras matérias incluem os informes e opiniões de autoridades políticas e profissionais da saúde renomados em suas áreas, o que pode explicar essa opção pelo uso da apuração em segundo grau para garantir uma narrativa fundamentada e confiável.

Ademais, os textos de saúde evidenciam o trabalho cauteloso de pesquisa dos repórteres, com uma massiva exposição de dados e informações divulgadas por organizações de saúde com histórico de seriedade e reconhecidas pela credibilidade, como institutos de pesquisa e entidades governamentais internacionais, nacionais e regionais.

5.2.1- A presença das fontes no jornalismo em saúde independente

Nas reportagens divulgadas pelos dois portais, há uma predominância por três entidades de saúde, que aparecem em 38% das reportagens: a Organização Mundial da Saúde (OMS), de esfera internacional; a Secretaria de Estado da Saúde (Sesau Alagoas), no âmbito estadual; e a Secretaria Municipal de Saúde de Maceió (SMS), em nível local. As três são citadas em cinco reportagens em contextos distintos. Na tabela abaixo, seguem as organizações e movimentos de saúde mencionadas nas matérias e o número de reportagens de cada veículo que são citadas essas entidades.

Quadro 4 - Entidades de saúde mencionadas nas reportagens de saúde e o número de matérias de cada veículo em que elas aparecem

Entidade de saúde	Olhos Jornalismo	Mídia Caeté
Organização Mundial da Saúde	1	4
Ministério da Saúde		1
Secretaria de Estado da Saúde	2	3
Secretaria Municipal de Saúde de Maceió	1	4
Fundação Oswaldo Cruz		2

Sociedade Brasileira de Imunizações		1
Associação Médica Brasileira		1
Conselho Regional de Medicina de Alagoas		1
Frente Nacional contra a Privatização da Saúde		1
Fórum Alagoano em Defesa do SUS		1

Fonte: Autora (2024)

Foram constatadas menções a 10 organizações e movimentos ligados a saúde, todas com histórico de confiabilidade. Essas organizações foram citadas nas reportagens em saúde principalmente para legitimar recomendações e apresentar dados que validam as informações apresentadas pelo jornalista para o leitor.

Além de trazer entidades de saúde ligadas aos órgãos governamentais e privados, destaca-se a presença de dois movimentos de luta em defesa da saúde pública e estatal, a Frente Nacional contra a Privatização da Saúde e o Fórum Alagoano em Defesa do SUS, ambos citados pela Mídia Caeté em “Secretaria de Saúde de Maceió abre edital para repassar gestão das unidades básicas a empresas; entidades avaliam como forma de privatizar o atendimento”, publicada em 29 de março. Essa matéria, além de citar esses coletivos de luta pela saúde, destina um importante espaço para as suas impressões em relação a abertura do edital da prefeitura para transferir o gerenciamento das unidades de saúde para empresas.

As mídias independentes alagoanas, apesar de não serem especializadas em saúde, buscam realizar uma cobertura detalhada acerca dessa temática, focando em questões negligenciadas pelos veículos tradicionais. Esse aprofundamento é refletido na extensão textual das reportagens, que são organizadas por blocos de textos para facilitar a leitura e contemplar variadas perspectivas do assunto.

Ao somar o quantitativo de seções presentes nas reportagens selecionadas, observamos 37 ao todo, o que mostra uma média de quase três blocos de textos por matéria de saúde. Alguns fatores podem explicar esse aprofundamento do conteúdo, como o uso do ciberespaço por esses veículos, o que permite aos jornalistas um espaço sem limites de caracteres para adicionar suas reportagens. Além disso, a liberdade editorial para explorar por diferentes ângulos do tema, proporcionando uma visão multifacetada e o tempo mais flexível para investigar e redigir a

matéria são outros pontos verificados, pois os jornalistas independentes não trabalham necessariamente sob pressão para manter o portal atualizado constantemente, como na mídia convencional. Essa terceira afirmação pode ser constatada ao verificar o quantitativo de reportagens publicadas em 2022. A média de matérias lançadas por mês no Olhos Jornalismo foi de dois textos e na Mídia Caeté, em torno de seis.

Entre as temáticas abordadas nas reportagens de saúde, estão assuntos como saúde mental, salário atrasados dos trabalhadores da saúde, insegurança alimentar, atendimento médico para transsexuais, privatização do atendimento de saúde e aborto legal.

Apesar de sutil, a subjetividade do jornalista pode ser encontrada na escolha dos temas, que visam abordar assuntos evidentes na sociedade, mas com um olhar sensível para recortes de gênero e classe.

Além de trazer visibilidade para as questões envoltas da saúde brasileira, a preocupação dessas mídias tange a utilização de uma abordagem crítica que represente as pessoas que historicamente não foram escutadas e priorizadas pelos veículos de comunicação. Foi possível constatar nos textos que, em momentos específicos, os veículos fazem questão de expor as desigualdades das relações sociais no Brasil, como pode ser visto abaixo na **Figura 9**.

Figura 9 - Lide da reportagem “Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal” - Mídia Caeté, 26 de agosto

Infelizmente, vivemos em uma sociedade escancaradamente machista e misógina, onde a violência contra as mulheres paira e se torna ainda mais frequente, como podemos observar no levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Fonte: Mídia Caeté (2022)

Embora tenha sido constatado na verificação de fontes que na Mídia Caeté os principais protagonistas das matérias são profissionais da saúde de variados setores, em três reportagens do veículo, esse papel principal é assumido pela classe trabalhadora, transsexuais e familiares de uma idosa internada em um hospital público de Alagoas.

Todos esses personagens têm em comum a luta pelos seus direitos, que em determinados momentos foram negados. Dessa maneira, o veículo usa a sua visibilidade para denunciar as violências que estes grupos enfrentam e, conseqüentemente, cobrar aos responsáveis a mitigação desses problemas.

No Olhos Jornalismo, duas reportagens têm com o enfoque o grupo minoritário de mulheres em situações de vulnerabilidade: uma abordando a insegurança alimentar da família de uma jovem mãe da periferia de Maceió e a outra destaca os hospitais públicos que realizam o aborto, defendendo o direito das mulheres a esse serviço de saúde. Ambas as reportagens destacam problemas enraizados na sociedade. O diferencial das reportagens em saúde desse veículo é a investigação e apresentação das causas subjacentes por trás desses desafios.

Em “Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas”, de 14 de março, é discutido o contexto social de violência sexual enfrentado pelas mulheres e a necessidade do acesso seguro ao aborto. Enquanto “Campeão’ de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL”, de 16 de novembro, aborda os problemas financeiros como o principal responsável pela desnutrição no estado e as políticas públicas criadas para combater essa situação.

5.2.2 – Elementos visuais e a busca pela atenção do leitor

Acerca das características visuais, foram encontradas 31 imagens nas reportagens, sendo 9 no Olhos Jornalismo e 22 na Mídia Caeté. Provenientes de banco de imagens (4), divulgação em redes sociais (15), cedidas por assessoria (3), arquivo pessoal (6) e de autoria dos portais (4), essas figuras foram utilizadas para dialogar com o conteúdo do texto, com uma média de duas a três por reportagem.

Do total de fotos, 11 são imagens dos entrevistados ou autoridades políticas citadas na matéria, representando 35% de todas as ilustrações. Além disso, os principais enquadramento dessas fotos são o plano médio, com a imagem da cintura para cima; e o primeiro plano, com a captura do peito para cima, ambos evidenciando o rosto e expressões faciais do personagem. Portanto, fica evidente um destaque para o uso de fotos dos entrevistados, trazendo uma humanização e buscando conectar o leitor com a história contada. Mais que ilustrar, a utilização da fotografia no jornalismo busca complementar a informação contida no texto e garantir maior impacto visual e credibilidade à produção. Essa preferência pelo uso de imagens é mais evidente no Olhos Jornalismo, que conta com quatro fotos de personagens e todas as reportagens trazem, no mínimo, uma imagem da fonte citada.

Segue abaixo uma amostra da disposição das fotos nos veículos. Na **Figura 10**, há uma foto em plano geral e na horizontal que mostra a família da Sarah de Lima em sua residência trabalhando com a despenicção do molusco Sururu. A jovem é a personagem central retratada

na reportagem do Olhos Jornalismo, intitulada “‘Campeão’ de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL”, divulgada em 16 de novembro.

Figura 10- Foto e legenda retirada da reportagem ‘Campeão’ de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL” – Olhos Jornalismo, 16 nov. 2024



Sandra de Lima, 47, junto ao seu marido e a filha Sarah de Lima, 30, despenicam o sururu, a principal fonte de renda

Fonte: Olhos Jornalismo (2022)

Na **Figura 11**, a Mídia Caeté disponibiliza na matéria “Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal”, uma selfie da Samantha, uma mulher trans de 19 anos, beneficiada pelo programa de assistência “Espaço Trans”.

Figura 11 – Foto e legenda retirada da reportagem “Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal” – Mídia Caeté, 25 fev. 2024



Samantha ressalta a relevância de iniciativas assim. | FOTO: arquivo pessoal.

Fonte: Mídia Caeté (2022)

No que concerne os materiais audiovisuais, somente um vídeo de 19 segundos é apresentado na matéria “Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de ‘emendas parlamentares’, segundo sindicato”, da Mídia Caeté publicada em 6 de fevereiro, que mostra trabalhadores com cartazes em frente ao hospital reinventando seus direitos. Esse vídeo curto e sem edição foi usado para comprovar a greve mencionada pela jornalista no texto e vem logo abaixo do substituto da reportagem, sem constar os créditos.

Os infográficos, que são representações que combinam texto e elementos visuais para informar, são valiosas ferramentas visuais usadas para ilustrar dados e tornar a compreensão mais acessível. Para Görsk (2007, p. 4), “além de facilitar a compreensão da mensagem de difícil expressão através do texto escrito, a infografia oferece ao leitor uma alternativa visual relevante na apresentação da notícia jornalística”. Ele acrescenta que a utilização desse recurso não visa uma substituição da mensagem escrita, e, sim, uma expansão do detalhamento de informações.

O Olhos Jornalismo foi o portal que mais utilizou esses recursos visuais em suas reportagens, explorando as possibilidades do ambiente online, optando também por gráficos interativos. Enquanto isso, a Mídia Caeté exclusivamente republicou gráficos estáticos criados por outras organizações.

A Mídia Caeté trouxe dois gráficos em suas reportagens, sendo estes materiais divulgados por outros órgãos. O primeiro é um gráfico de barras sobre os dados da covid-19 na primeira semana de janeiro de 2022 na reportagem “Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL”, de 11 de janeiro, criado e divulgado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O segundo é um gráfico de linhas sobre o número de vítimas de estupro em 2019, 2020 e 2021, na matéria “Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal”, de 26 de agosto, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Já o Olhos Jornalismo usou dois gráficos na paleta de cores do veículo (verde, vermelho e branco) e um mapa interativo criado pelos repórteres do veículo. A matéria “O que há por trás do único bairro em Maceió a não registrar mortes por Covid”, de 3 de março, conta com gráfico interativo com a variação no número de mortes por Covid-19 entre os bairros de Maceió e um gráfico de barra com os casos e óbitos por Covid no Brasil e em Alagoas. Enquanto a

reportagem “Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas”, de 14 de março, traz um mapa interativo de Alagoas sinalizando a localização dos hospitais que fazem o procedimento. A **Figura 12** traz um print de tela desse mapa interativo, indicando onde encontrar serviço gratuito na rede pública de saúde.

Figura 12 - Mapa interativo da reportagem ‘Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas’ – Olhos Jornalismo, 14 de março



Fonte: Olhos Jornalismo (2022)

Apesar do ambiente digital, espaço em que estão depositadas as matérias dos dois veículos analisados, não possuir propriamente um limite de uso das ferramentas multimídias, percebe-se que os veículos foram cautelosos em relação ao uso desses recursos visuais, com o destaque principal ficando para o conteúdo textual.

Essa ponderação dos elementos gráficos não compromete necessariamente a transmissão das informações dessas mídias independentes; contudo, a utilização ampliada desses recursos poderia aumentar a captação de atenção do leitor, além de transmitir informações completas de maneira simplificada. De acordo com Velho, Vermelho e Dorne (2016), os infográficos têm o intuito de atender uma geração de leitores que busca entender as notícias de forma rápida e fácil. Desse modo, quando uma mídia utiliza a infografia para enriquecer uma reportagem de saúde, ela permite de forma didática a compreensão mais efetiva de dados complexos e informações de saúde.

Ao observar o contexto de produção desses portais, é notório que essa limitação pode ser resultado do baixo número de profissionais, visto que um único jornalista precisa fazer apuração, redação e edição, atendendo tanto à demanda textual quanto visual das reportagens.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, que teve como objetivo investigar a cobertura em saúde de duas mídias independentes alagoanas por meio da análise de conteúdo das reportagens publicadas nos portais em 2022, buscou-se compreender o espaço que essa temática especializada ocupa nos veículos e as particularidades dessas matérias produzidas por jornalistas com anos de experiência na comunicação.

Frutos do descontentamento com a mídia tradicional, o Olhos Jornalismo e a Mídia Caeté, que se autodenominam independentes devido à liberdade editorial e financeira que possuem, surgiram após a greve dos jornalistas alagoanos em 2019, com o intuito de trazer visibilidade a assuntos que não estão sendo pautados na grande mídia local.

Os dois veículos são recentes, estão concentrados apenas no ambiente online e trabalham com diversas temáticas. Dessa forma, essas mídias alagoanas não são especializadas em saúde, mas cobrem o tema dentre os assuntos de relevância social para manter os indivíduos informados sobre aumento da incidência de doenças, saúde mental, ações preventivas, serviços de saúde ofertados e denúncias de trabalhadores da saúde e pacientes sobre descasos. Além disso, as pautas predominantemente abordam temáticas locais, com enfoque em Maceió e Alagoas, sede das mídias.

Com a realização do mapeamento quantitativo, que foi a etapa responsável pela coleta de todos os textos e classificação das temáticas das matérias divulgadas pelo Olhos Jornalismo e Mídia Caeté, conclui-se que, apesar dos portais não serem especializados em saúde, essa temática tem um espaço consolidado, ocupando o terceiro lugar no quantitativo de textos publicados em 2022. Essa posição revela o entendimento dos veículos para a importância de manter os leitores informados sobre uma área que impacta diretamente a qualidade de vida e bem-estar.

Também se observou que, no mesmo intervalo de tempo, a Mídia Caeté publicou mais que o triplo de textos sobre saúde em relação ao Olhos Jornalismo. No entanto, apesar desse número maior de matérias publicadas, os portais mantêm uma constância entre si quando se compara todo o conteúdo publicado no ano, uma vez que ambos trouxeram a saúde como pauta principal em 12% dos textos e aproximadamente em 20% considerando as reportagens com pauta secundária.

Ao analisar o conteúdo utilizando a abordagem de Bardin (1977), foi possível verificar algumas particularidades existentes nas 13 reportagens de saúde examinadas. Nessas matérias

jornalísticas, verificou-se a presença majoritária de hiperlinks que conduzem o leitor a sites e documentos externos que complementam o assunto apresentado na reportagem, mostrando o interesse dos portais não apenas em replicar o seu conteúdo, mas em apresentar variadas perspectivas sobre o tema.

Esses veículos independentes alagoanos priorizam o estilo narrativo interpretativo. Em poucos textos é apresentada explicitamente a visão do repórter sobre o assunto. Entretanto, apesar da subjetividade do jornalista aparecer de maneira atenuada, essas impressões pessoais conseguem revelar a liberdade editorial dada aos jornalistas pelas mídias. Essa subjetividade do jornalista também é encontrada na escolha dos temas, que consideram o contexto brasileiro de desigualdades e trazem recortes sociais que, conforme aponta Fabiana Moraes (2019), são fundamentais para um jornalismo integral.

No que se refere às fontes, preferencialmente foram citadas nos textos analisados os especialistas em saúde. Inclusive, nas reportagens da Mídia Caeté, são apresentados relatos desses especialistas que foram concedidos a outros veículos jornalísticos e republicados no portal devido à sua relevância. Também se nota um aprofundamento das reportagens, refletido na extensão do conteúdo com a inclusão de subdivisões conhecidas como blocos de texto na maioria das matérias de saúde. Somente algumas reportagens que tratam de assuntos factuais apresentam o texto corrido unicamente em uma seção.

Como diferencial, esses veículos não se propõem apenas a apresentar o assunto com embasamento de pesquisas e depoimentos, mas também investigam o que está por trás do problema destacado e, com um olhar sensível, expõem criticamente as causas subjacentes para que o leitor tenha uma visão ampla do tema noticiado.

Os recursos visuais mais expressivos nas reportagens foram as imagens, que predominantemente foram retiradas de arquivos de divulgação. Além disso, os dois veículos usam várias fotos dos personagens entrevistados para humanizar as suas histórias e gerar identificação do leitor.

Por estarem localizados na internet, que proporciona uma infinidade de ferramentas multimídias que estimulam a interatividade e atenção do leitor, inicialmente deduzimos que o formato das reportagens das mídias analisadas apostaria em diversas inovações visuais, mas, que através da pesquisa, constatou-se que os portais mantiveram um formato simples de apresentação das reportagens, principalmente a Mídia Caeté, que não trouxe nenhuma grande inovação.

Acerca da execução do estudo, não houve nenhuma limitação que interferisse na abordagem que foi pensada inicialmente. Apenas foram encontrados alguns desafios, como a ausência do enquadramento de editoriais em todas as reportagens dos veículos, sendo necessário realizar uma classificação própria com base no conteúdo apresentado.

Os achados conseguiram responder às questões motivadoras deste trabalho ao apresentar o espaço que as reportagens de saúde ocupam nos veículos e as particularidades desse conteúdo, no que diz respeito às pautas trabalhadas, os personagens e organizações de saúde mencionados e à visibilidade para questões de saúde pública envolvendo minorias.

É preciso evidenciar que o jornalismo em saúde é uma especialização recente na história do jornalismo e, por ser uma área nova, ainda há pouca literatura que investiga com profundidade o jornalismo em saúde brasileiro. E no que diz respeito a estudos sobre a cobertura em saúde realizada pela mídia independente, é praticamente inexistente, sendo essa ausência de dados uma das motivações para a realização desta monografia.

Ainda que haja uma limitação de veículos observados e o recorte temporal curto, sendo esta delimitação necessária para investigar minuciosamente as reportagens coletadas, esse estudo revela apontamentos importantes na caracterização dessa saúde abordada nas mídias independentes alagoanas. Uma saúde que tem lugar evidente na grade de reportagens dos veículos; que valoriza a ciência e os profissionais de saúde e que para além de abordar pautas que mostram os desafios enfrentados pelas minorias, também traz reflexões sobre os problemas sociais que afetam diretamente a saúde e são negligenciados.

Este trabalho contribui para a área do jornalismo independente ao revelar como a mídia independente de Alagoas apresenta seu conteúdo, os assuntos predominantes e de que forma traz visibilidade para vozes e questões negligenciadas pela mídia mainstream. E para o jornalismo em saúde, colabora ao expor detalhadamente características da cobertura em saúde de mídias locais que possuem liberdade editorial para abordar tópicos de saúde de modo crítico, abrangendo também o contexto social.

Além disso, a análise realizada neste estudo fornece alguns avanços para o entendimento da cobertura em saúde ao identificar as questões prioritárias abordadas nas reportagens; as estratégias de comunicação que são utilizadas, como o destaque para relatos de especialistas traduzidos para uma linguagem simplista e de fácil entendimento; e o que os textos transmitem para o público em termos de incentivo à necessidade de cuidar da saúde.

Em síntese, é necessário realizar futuros estudos para averiguar e definir padrões específicos dessa cobertura em saúde da mídia independente, envolvendo um quantitativo maior

de mídias independentes e com um recorte temporal mais abrangente, para mensurar de forma aprofundada o jornalismo em saúde dos veículos independentes. Também é válido desenvolver pesquisas que trazem análises comparativas entre a abordagem de saúde da mídia independente e da mídia tradicional, afim de verificar as diferenças no enfoque e exibição das informações veiculadas. Ademais, cabe investigar as implicações do jornalismo independente em saúde na tomada de decisões dos indivíduos, uma vez que as notícias em saúde influenciam fortemente os comportamentos preventivos ou de descaso com o bem-estar.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. **Mapa do Jornalismo Independente**. Agência Pública: São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

AGÊNCIA TATU. **Quando a notícia parou**. Agência Tatu, Maceió, 1 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.agenciatatu.com.br/noticia/a-greve-dos-jornalistas/>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

ALMEIDA Et. Al. **Entenda por que o número de veículos independentes dobrou nos últimos anos**. Rio de Janeiro: Agência UVA, 30 ago. 2021. Disponível em: <<https://agenciauva.net/2021/08/30/entenda-por-que-o-numero-de-veiculos-independentesdobrou-nos-ultimos-dez-anos/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

ARAÚJO, J. S. **O jornalismo independente no país. Uma análise dos veículos The Intercept Brasil e Revista Crusoé**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/publicidadejornalismo/article/download/2305/1531>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ASSIS, E. et al. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.4, n.1, p.3-20, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6124741.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, B. M. C. As novas mídias como instrumentos de resistência ao controle da informação no Brasil: um olhar para os meios de comunicação e a luta pela democratização. **Confluências Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito**, Niterói, v. 20, n.1, p. 5-22, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/conflu20i1.p526>>. Acesso em: 4 set. 2024.

BUENO, W. C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, São Paulo, v.37, n.9, p.1420-1427, 1985. Disponível em: <<https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-efun%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BURKETT, W. **Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAJAZEIRA, P. E. S. L.; SOUZA J. J. G.; ANTONIUTTI, C. L. Os primeiros quatro meses da cobertura da pandemia da Covid-19 no Jornal Nacional. **Revista Âncora**, João Pessoa, v.8, n.1, p.172-191, jan./jun. 2021. Disponível em: <

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/download/55173/34066/168210>>. Acesso em: 1 set. 2024.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Universidade da Beira Interior – Portugal, 2006. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em 10 de out. de 2024.

CANAVILHAS, J. (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. LABCOM: UBI, Covilhã, Portugal, 2014. Disponível em: <<http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra - 2003.

CAVACA, A. G. et al. Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.11, p. 3569-3580, nov. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/BhX7L6qnfYk7cywDFZCkQnD/?lang=pt>>. Acesso em: 3 set. 2023.

CAVACA, A. G. et al. Entre evidências e negligências: cobertura e invisibilidade de temas de saúde na mídia impressa portuguesa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.11, p. 3569-3580, nov. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/BhX7L6qnfYk7cywDFZCkQnD/?lang=pt>>. Acesso em: 3 set. 2023.

CORREIA, N. O. “A. **Hoje a notícia é a greve dos jornalistas**”: a mobilização online da classe jornalística alagoana em defesa do piso salarial. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/7940>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

DANTAS, J. B. A.; FALCÃO, P. D. O. Mídia Ninja, Jornalismo Cidadão Online e a profissionalização do jornalista no Brasil. **Âncora Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, n.5, v.2, p.97-110, jan./jun.2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/42046>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2014. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.

FERRARI, A. P.; MOURA, D. O. Consumo, cidadania e direito à saúde. A imprensa e o cidadão quando o assunto é o risco sanitário. **Interin**, Curitiba, v. 8, n.2, p.1-16, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450761002>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

FERREIRA, L. G. El Pais: Análise da função do hiperlink em webnotícia. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2016, p.1-14. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2046-1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2024.

FIGARO, R; NONATO, C. **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas**. São Paulo: ECA - USP. Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021. E-book (p.225). Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003051782.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2024.

FILHO, S. A. M. **O jornalismo independente e a pandemia em Pernambuco: narrativas de interesse público na cobertura do portal Marco Zero Conteúdo**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44907?mode=full#>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GARCIA, P. T. et. Al. **Saúde e Sociedade**. São Luiz: EDUFMA, 2015. E-book (86). Disponível em:< <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/saude-e-sociedadecadernos-de-saude-da-familia/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

GEIGER, P. **Novíssimo Aulete – dicionário contemporâneo de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicom, 2011.

GOMBATA, M. Veículos tradicionais mantêm credibilidade perante o público. **Valor Econômico**, São Paulo, 7 ago. 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/08/07/veiculos-tradicionais-mantemcredibilidade-perante-o-publico.ghtml>>. Acesso em: 3 set. 2024.

GONÇALVES, M. E; SANTOS, M. RENÓ, D. P. Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, n. 130, p. 223-242, dez./mar. 2015-2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16057395015>>. Acesso em: 20 de set. 2024.

GÖRSKI, G. F. **Infografia e Jornalismo na Web: sistematização dos elementos que constituem Infográficos**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Comunicação Midiática) – Centro de Ciências Sociais e Humanas,, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2114>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

HORN, A. T. A. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-15, jan.-dez. 2022. Disponível em:<<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2022.1.41612>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

KUSCINSKY, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo , v.11. n.1, p.95-103, jan-jul. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/kFWHCw7rqJCmkyQjZFF3DfP/>>. Acesso em: 3 set. 2024.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

LACERDA, D. M. **O Jornalismo Digital Independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/21304>>. Acesso em: 4 set. 2024.

LENZI, A. Jornalismo nativo digital brasileiro: Um estudo de caso do Nexô. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 27, n.1, p.1-14, jan./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.36102>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

LOPES, P. O. O jornalismo científico e as pandemias no contexto brasileiro: AIDS e Covid19. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH, XIX, 2020, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2020, p. 1-12. Disponível em: <https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rjerh2020/1600968373_ARQUIVO_b950af6d8da0107c181947bee477ba4d.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

MARINONI, B. Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil. **Intervozes**, São Paulo, v.13, p.1-28, nov. 2015. Disponível em: <<https://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Projeto-FES-Artigoconcentracao-meio.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2024.

MAZETTI, H. M. Mídia alternativa para além da contra-informação. CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, Faculdade Casper Líbero, 2007. p.1-15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0112-1.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

MELO, J. M. Impasses do Jornalismo científico. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, n.7, p.19-24, 1982. Disponível em: <<https://biopibid.paginas.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismocient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2024.

MELO, W. M. R.F.; LUNA, V. A. G.; AZEVEDO, J. A. Jornalismo independente um mapeamento dos veículos de comunicação de Alagoas. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 45, 2022, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa, UFPB, 2022. p.1-13. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202211550362d6c5c7c2706.pdf>>. Acesso em: 16 de ago. 2024.

MÍDIA CAETÉ. **Quem Somos**. Site Mídia Caeté. 2019. Disponível em: <<https://midiacaeete.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MÍDIA NINJA. **Quem Somos**. Site Mídia Ninja. 2013. Disponível em: <<https://midianinja.org/>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MIRANDA, A. Do todo à parte: curso e percurso do jornalismo especializado em saúde.

ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, V, 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014, p.1-12.

Disponível em:

<https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wpcontent/uploads/2014/10/GT_jornalismo_amanda_miranda.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

MIRANDA, A. S. Jornalismo especializado em saúde: pressupostos, características e definições. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos...** Joinville, Universidade da Região de Joinville, 2018, p.1-12.

Disponível em:

L <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1792-1.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

MIRANDA, A. S. (2017). O saber médico e o jornalismo especializado em saúde: como uma epidemia se torna notícia. **Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde**, Rio de Janeiro, n.11, v.2, p. 1-13, abr./jun. 2017.

Disponível em: <<https://doi.org/10.29397/reciis.v11i2.1291>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MORAES, F. (2019). Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral.

Revista Extraprensa, São Paulo, n.12, v.2, p. 204-219, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153247>>. Acesso em: 30 set. 2024.

MOREL, M. **Os primeiros passos da palavra impressa**. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T.R. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOTA, E.T.; PACHÊCO, E. B. A Importância da Mídia Local para os Desertos de Notícia: uma Análise do Portal Canabrava News. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA

COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 24, 2024, Natal. **Anais eletrônicos...**Natal: UFRN, 2024. p.1-6. Disponível em:

<<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/12/1491/041220241345206619652056fb9.pdf>>. Acesso em: 16 de ago. 2024.

MUELLER, S. P., CARIBÉ, R. C. V. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Informação & Informação**, Londrina, v.15, n.1, p.13–30, 2010. Disponível em:

<https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp13>. Acesso em: 31 ago. 2024.

OLIVEIRA, J. C. “As ciências no paço de d. João...”, **História, Ciências e Saúde**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, mar./jun. 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 2 set. 2024.

OLIVEIRA, J. **Jornalistas de Alagoas entram em greve contra redução salarial e ataques a direitos**. Brasil de Fato, Maceió, 2019. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2019/06/26/jornalistas-de-alagoas-entram-em-greve-contrareducao-salarial-e-ataques-a-direitos/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

OLIVEIRA, V. C., FILIPPI, A. C. Jornalismo independente latino-americano: a configuração de uma forma cultural. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n.154, p.119-138, dez./mar. 2023. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9274153.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

OLHOS JORNALISMO. **Sobre – Olhos Jornalismo**. Site Olhos Jornalismo. 2020. Disponível em: <<https://olhosjornalismo.com.br/amp/>>. Acesso em: 18 ago. de 2024.

ORSI, C. **Fake News e Saúde**. In: Fundação Oswaldo Cruz (org). Brasília: Fundação Oswaldo Cruz e Gerência Regional de Brasília, 2020. E-book (p.229). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42586/2/Fake%20news%20%20e%20sa%C3%B Ade.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PADILHA, S. A cibercultura manifesta na prática do webjornalismo. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, v.29, n.50, p. 103-120, 2. sem. 2008. Disponível em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/Comunicacao&sociedade/2008/no50/5.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

PATRÍCIO, E. Jornalismo e pandemia: impactos da covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.7, n.1, p.1-18, 2020. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17060>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PATRÍCIO, E., BATISTA, R. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, v.13, n.2, p. 217-231, jan./jun.2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.153326>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PERTELE, B. R. M. et al. Entrelinhas entre os hiperlinks: Subliminar de uma nova forma de conceber aprendizagem. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 8, p.1-13, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/17492/15542/220885>>. Acesso em: 19 out. 2024.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005. Disponível em: < <https://pdfs.semanticscholar.org/b85f/f21fe1af68936a0333f96599b612f30edca5.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. 2024.

RANGEL, M. L.; RAMOS, N. **Comunicação e saúde: Perspectivas Contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2017. E-book (p.448). Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33032/1/comunicacao-e-saudeperspectivas%20contemporaneas-repositorio.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

REIS, M. Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. **Revista Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 16, n.1, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/9455>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

RIOS, A. O. O jornalismo científico: o compromisso de divulgar a ciência à sociedade - A comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguagens, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v.13, n.2, p. 113-119, dez. 2005. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/55>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

RIPOLLÉS, A. C. O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios. **Comunicação e sociedade**, Braga, v.40, p.53-69, dez. 2021. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cs/5920>>. Acesso em: 2 set. 2024.

ROSAS, J. A. Mídia Ninja, mídia tradicional e accountability. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 7, n.2, p.121-131, jun. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/extraprensa2014.85188>>. Acesso em: 1 set. 2024.

SANDRINI, R. Jornalismo Científico no Brasil: aspectos históricos e contemporâneos. ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, V, 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014, p.1-15. Disponível em: <<https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/GTHist%C3%B3ria-do-Jornalismo-Rafaela-Sandrini.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SANTOS, A. P., PONTES, F. S., PAES, P. S. Financiamento coletivo aplicado ao jornalismo: uma classificação das iniciativas financiadas no Catarse. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n.1, p.67-85, jan./jul. 2018. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12012>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SANTOS, M. **Práticas de produção no webjornalismo**. São Paulo, Cásper Líbero, 2020. Ebook (p. 77). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8571353/mod_resource/content/1/SANTOS%2C%20M%20do.%20Práticas%20de%20produção%20no%20webjornalismo.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SENISE, D. S. V.; BATISTA, L. L. (2020). Bolhas de informação e a comunicação da saúde pública. **Boletim Do Instituto De Saúde**, São Paulo, v.21, n.11, p.17-30, jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.52753/bis.v21i1.36721>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SERRANO, L. R. **A importância de José Reis na cobertura de Ciência no Brasil**. Jornal da USP, São Paulo, 27 jun. 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/aimportancia-de-jose-reis-na-cobertura-de-ciencia-no-brasil/>>. Acesso em: 01 set. 2024.

SILVA, A. A. C. **Jornalismo Independente brasileiro e a participação de adolescentes: uma análise sobre a produção de cinco organizações jornalísticas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49796>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SILVA, E. Jornalismo Opinativo, Ética e Democracia. A Importância da Opinião no Jornalismo Para o Aprimoramento Democrático. **Caderno da Escola de Comunicação**, Curitiba. v.1,n.1, p.98-106, out./nov. 2003. Disponível em:

<<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/1907>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, T. W.; JUNIOR, F. L. R.; OLIVEIRA, A. F. O papel da ciência e tecnologia nos anos de chumbo: esboço sobre “a modernização brasileira” durante o regime Autocrata-burguês. SEMINÁRIO INTERNACIONAL TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO: LÊNIN 90 ANOS DEPOIS- POLÍTICA, FILOSOFIA E REVOLUÇÃO, VI, 2014, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília, Universidade Estadual Paulista, 2014, p.1-12. Disponível em:

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2014/viseminariointernacionalteoriapoliticadosocialismo/o_papel_da_thiago.pdf>. Acesso em: 1 set. 2024.

SPINK, M. J. et al. A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul./ago., 2001. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Mary_Spink/publication/26359601_A_construcao_da_AIDS-noticia/links/540f63d90cf2f2b29a3ddd9e.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

STELZER, J., WIEIRA, K., CALETTI, L. Análise de conteúdo e sua aplicabilidade na pesquisa jurídica. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas**, Bebedouro, SP, v.9, n.3, p. 454-482, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.25245/rdspp.v9i3.1073>>. Acesso em: 19 jul. 2024.

TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia: Medicina para Jornalistas, Jornalismo para Médicos**. São Paulo: Summus, 2013.

TAVARES, F. M. B. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**, n. 5, p. 115-133, mai. 2009. Disponível em:

<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2024.

TEIXEIRA, G. **A importância da atuação dos jornalistas na pandemia**. Reverso Online, Cachoeira, 5 ago. 2022. Disponível em: <<https://www2.ufrb.edu.br/reverso/a-importancia-daatuacao-dos-jornalistas-na-pandemia/>>. Acesso em: 31 ago. 2024.

TEIXEIRA, R. A importância da mídia para a saúde da população. **Observatório da Imprensa**, Campinas, 11 set. 2012. Disponível em: <

https://www.observatoriодаimprensa.com.br/jornal-de debates/_ed711_a_importancia_da_midia_para_a_saude_da_populacao/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

TUASCO, J. G. Existe liberdade de imprensa sem vozes dissonantes? **Conexão UFRJ**, Rio de Janeiro, 7 jun. 2023. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2023/06/existe-liberdade-deimprensa-sem-vozes-dissonantes/>>. Acesso em: 2 set. 2024.

VASCONCELOS, A. Jornalismo de Saúde: evidências de um processo de especialização. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, São Paulo, v. 5, n.6, p.247-251, 20042005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10437/2616>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

VELHO, A. P. M. VERMELHO, S. C. S. D. DORNE, V. D. Contribuição do infográfico jornalístico para a comunicação em saúde. **Revista Internacional de Cultura Visual**, Minho,

v.3, n.2, p.89-99, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.37467/gka-revvisual.v3.495>>. Acesso em: 20 de out. 2024.

VIEIRA, G. MARQUES, L. **Jornalismo independente: periferia fora da caixa**. CACAU – Comunidade de Aprendizagem em Comunicação e Audiovisual do UniBH, Belo Horizonte, 2 dezembro 2022. Disponível em: <<https://cacau.ecossistemaanima.com/blog/jornalismoIndependente-periferia-fora-da-caixa/>>. Acesso em: 19. out. 2024.

XAVIER, C. **Caderno mídia e saúde pública**. In: Adriana Santos (org). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.

ANEXO A – LISTA DE REPORTAGENS ANALISADAS

Título da matéria analisada	Link da reportagem
Infecções por Covid-19 sobem de 89 para 648 em apenas uma semana e acendem sinal de alerta em AL	https://midiacaete.com.br/infeccoes-por-covid-19-sobem-de-89-para-648-em-apenas-uma-semana-e-acendem-sinal-de-alerta-em-al/
Síndrome de Burnout ganha força, preocupa especialistas e traz prejuízos severos para a saúde mental	https://midiacaete.com.br/sindrome-de-burnout-ganha-forca-preocupa-especialistase-traz-prejuizos-severos-para-a-saude-mental/
Pagamento de salários atrasados no Sanatório depende até de ‘emendas parlamentares’, segundo sindicato	https://midiacaete.com.br/pagamento-de-salarios-atrasados-no-sanatorio-dependem-ate-de-emendas-parlamentares-segundosindicato/
Espaço Trans promove assistência de saúde inclusiva no Hospital Universitário da Ufal	https://midiacaete.com.br/espaco-trans-promove-assistencia-de-saude-inclusiva-nohospital-universitario-da-ufal/
Especialistas alertam para riscos e enxergam com desconfiança a flexibilização do uso de máscaras	https://midiacaete.com.br/especialistasalertam-para-riscos-e-enxergam-comdesconfianca-a-flexibilizacao-do-uso-demascaras/
Secretaria de Saúde de Maceió abre edital para repassar gestão das unidades básicas a empresas; entidades avaliam como forma de privatizar o atendimento	https://midiacaete.com.br/secretaria-de-saude-de-maceio-abre-edital-para-repassargestao-das-unidades-basicas-a-empresasentidades-avaliam-como-forma-de-privatizaro-atendimento/
O elogio do veto: Nome de Nise da Silveira é engrandecido e ainda mais popularizado após Bolsonaro negar homenagem	https://midiacaete.com.br/o-elogio-do-veto-nome-de-nise-da-silveira-e-engrandecido-e-ainda-mais-popularizado-apos-bolsonaronegar-homenagem/
Especialistas alertam para alto risco de retorno da Poliomielite; AL segue tendência nacional com imunização abaixo do recomendado	https://midiacaete.com.br/especialistasalertam-para-alto-risco-de-retorno-da-poliomielite-al-segue-tendencia-nacionalcom-imunizacao-abaixo-do-recomendado/

Médico preso em 2019 por acusação de violência sexual pode ser reintegrado ao corpo docente da Ufal	https://midiacaete.com.br/medico-preso-em-2019-por-acusacao-de-violencia-sexual-podeser-reintegrado-ao-corpo-docente-da-ufal/
Família denuncia pioras irreversíveis em saúde de idosa por negligências em hospitais do Estado	https://midiacaete.com.br/familia-denunciapioras-irreversiveis-em-saude-de-idosa-pornegligencias-em-hospitais-do-estado/
Feira Agroecológica em Novo Jardim traz variedade de alimentos, cultura e saúde	https://midiacaete.com.br/feira-agroecologica-em-novo-jardim-traz-variedades-de-alimentos-cultura-e-saude/
A deficiência visual e o desafio da acessibilidade no mundo real	https://midiacaete.com.br/a-deficienciavisual-e-o-desafio-da-acessibilidade-no-mundo-real/
Autonomia da mulher cega: uma dura conquista	https://midiacaete.com.br/autonomia-da-mulher-cega-uma-dura-conquista/
Barriga seca não dá sono: quase 60% da população alagoana enfrenta insegurança alimentar moderada ou grave	https://midiacaete.com.br/barriga-seca-naoda-sono-quase-60-da-populacao-alagoanaenfrenta-inseguranca-alimentar-moderadaou-grave/
Feira Agroecológica Novo Jardim reúne festival cultural e alimento saudável da agricultura familiar na parte alta de Maceió	https://midiacaete.com.br/feira-agroecologica-novo-jardim-reune-festival-cultural-e-alimento-saudavel-da-agriculturafamiliar-na-parte-alta-de-maceio/
Feira Agroecológica Novo Jardim realiza última edição de 2022 na Praça da Faculdade	https://midiacaete.com.br/feira-agroecologica-novo-jardim-realiza-ultima-edicao-de-2022-na-praca-da-faculdade/
O que há por trás do único bairro em Maceió a não registrar mortes por Covid	https://olhosjornalismo.com.br/o-que-ha-por-tras-do-unico-bairro-a-nao-registrar-mortespor-covid-em-maceio/
Aborto Legal: saiba quais são os hospitais que realizam o serviço em Alagoas	https://olhosjornalismo.com.br/aborto-legalsaiba-quais-sao-os-hospitais-que-realizam-oservico-em-alagoas/

‘Campeão’ de insegurança alimentar no país, o que está sendo feito para combater a desnutrição infantil em AL?	https://olhosjornalismo.com.br/campeao-deinseguranca-alimentar-no-pais-o-que-esta-sendo-feito-para-combater-a-desnutricao-infantil-em-al/
Déficit de intérprete de Libras dificulta acesso ao ensino de alunos surdos na Ufal	https://olhosjornalismo.com.br/deficit-de-interprete-de-libras-dificulta-acesso-ao-ensino-de-alunos-surdos-na-ufal/